

INTERSECÇÕES

REVISTA DA SECÇÃO REGIONAL DA MADEIRA DA ORDEM DOS ARQUITECTOS
2025 #1





PELA LENTE DE PEDRO SOUSA

#1 2025

CONSELHO DIRETIVO REGIONAL DA MADEIRA

Presidente

Susana Cristina de Gouveia Neves

Vice-presidente

Ana Isabel Rego de França Dória

Vogais

Jorge Faria Leão de Sousa

Karla Felipa Cardoso Sousa José

Suplente

Marco António Ascensão Gomes

MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL

Presidente

José Duarte Caldeira e Silva

Secretários

Ana Teresa Catarino Pereira Fernandes

Américo Pita Olival

Suplente

Fábia Luísa Sousa de Freitas

CONSELHO DE DISCIPLINA REGIONAL DA MADEIRA

Presidente

José Filipe Barreto de Sousa

Vogais

Andreia Filipa Lima de Sousa

José Freddy Ferreira César

Sara Filipa Drummond Martins

Bruno Miguel Freitas Ferreira

Suplentes

Lília Maria Castro Correia

José Miguel Azevedo Henriques

Impressão e Acabamento

Capa: Arena Natural 300 gramas

Interior: Arena Natural 120 gramas

Depósito Legal

549776/25

ISBN

978-989-53896-1-2

Publicação anual

Tiragem: 100 exemplares

**Face-
book**

[www.facebook.com/profile.
php?id=100063737615833](http://www.facebook.com/profile.php?id=100063737615833)

Site

www.ordemdosarquitectos.org/sr_madeira

Os textos e conteúdos publicados são da exclusiva
responsabilidade dos/das respectivos/as autores/as.

A Revista é propriedade da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos
@ Todos os direitos reservados.



Foto de capa de : Duarte Belo | ELEVADOR DO CLUBE DE TURISMO DA MADEIRA

- 4 **As interseções da Secção Regional da Madeira**
Susana Gouveia Neves
- 6 **Aconteceu**
Roberto José
- 12 **O futuro da arquitetura regional no turismo, ambiente e cultura**
Eduardo Jesus
- 18 **Edmundo Tavares**
Sérgio Franco
- 24 **Reabilitação para a habitação**
Carlos Gonçalves
- 26 **Madeira: Paisagem Natural versus Paisagem Construída**
Rui Campos Matos
- 28 **Roteiro Rui Goes Ferreira**
Madalena Vidigal
- 32 **Roteiro Raúl Chorão Ramalho**
Emanuel Gaspar
- 36 **Cultivando Património: o poio, currais, e benceales
como paisagem cultural da Macaronésia**
Liliana Ferreira
- 44 **O Lazareto**
Emanuel Gaspar
- 46 **O Serviço de Assessoria da SRMAD**
Roberto José
- 48 **Prémio PAMPS 2024**
Freddy Ferreira César
- 58 **Os livros à venda na SRMAD**
Redação

“INTERSECÇÕES” DA ORDEM DOS ARQUITECTOS NA REGIÃO

Por **SUSANA GOUVEIA NEVES**, ARQUITETA | PRESIDENTE DA SECÇÃO REGIONAL DA MADEIRA
DA ORDEM DOS ARQUITECTOS
Fotografia **CONSTANÇA GOUVEIA DE JESUS**

O projeto editorial da revista Intersecções apresenta-se em modo regional de periodicidade anual, para trazer uma visão social do papel do arquiteto na construção da nossa territorialidade, sublinhar a importância da arquitetura na humanização da nossa paisagem e qualidade de vida, assim como dar um panorama daquilo que tem sido a presença da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos.

Este é um convite para percorrer as várias idiosincrasias relativas às arquiteturas das ilhas através do olhar de arquitetos, historiadores e políticos. O nosso território único, carismático, desafiante e complexo faz com que a dificuldade apure o engenho, resultando em intervenções bastante criativas em constante superação dos fatores climáticos e geológicos, das migrações diárias e sazonais, das influências multiculturais, com recursos muitas vezes limitados, e por isso inventivos.

Nesta primeira edição, Eduardo Jesus, o Secretário Regional que além do Turismo e da Cultura, lidera

também agora a pasta do Ambiente, apresenta em formato de entrevista as linhas estruturantes do Governo Regional no que toca a sua Secretaria, que “pretende concretizar uma visão integrada para o território, onde a arquitetura terá um papel estruturante”. A obra do recém outorgado Membro Honorário da OA, o Arquiteto Edmundo Tavares no Funchal contextualizada pela escrita acurada do Arquiteto Sérgio Franco, é um importante legado sobre a Arquitetura Moderna na Ilha da Madeira. Num mote mais contemporâneo, o Arquiteto Carlos Gonçalves, responsável pela equipa vencedora da Menção Honrosa do Prémio PAMPS 2024, discorre sobre a Reabilitação para a Habitação, um desafio a todos os níveis no tempo presente, num entendimento e numa dimensão muito humana da Arquitetura. O artigo “Madeira: Paisagem Natural versus Paisagem Construída” traz o olhar arguto do Arquiteto Investigador Rui Campos Matos sobre aquela que foi a primeira paisagem construída por europeus fora da Europa, deixando no ar, como é seu apanágio, questões que é preciso dar resposta, desafiando os arquitetos para ocuparem o seu lugar. Os Mapas



A Revista
“INTERSECÇÕES”
pretende ser um marco
na Regionalização da
Ordem dos Arquitectos,
dar a conhecer melhor
o propósito, a função
e os benefícios desta
ordem profissional.
Fica o convite para
uma viagem imersiva
pelo território e pela
profissão, e quem sabe,
numa próxima edição,
pela sua contribuição,
para fazer parte da
nossa história.

de Arquitetura publicados pela SRMAD têm também destaque nesta edição, pela marca que já deixaram, pelo seu papel didático e de catalogação de conhecimento arquitetónico, o Mapa do Arquiteto Rui Goes Ferreira pela mão meticulosa da sua neta, a Arquiteta Madalena Vidigal, também responsável pela imagem da capa desta revista, e o Mapa do Arquiteto Chorão Ramalho da autoria do Historiador Emanuel Gaspar, que também nos brinda com um curioso e interessante artigo sobre “O Lazareto”. A Arquiteta Liliana



Ferreira propõe, com muita mestria, uma deliciosa “leitura arquitetónica e territorial da paisagem em soalco da Macaronésia”, que irá surpreender. Ficamos a conhecer um pouco mais o Arquiteto Roberto José, o rosto incontornável da SRMAD, imprescindível apoio a todos os órgãos regionais e aos arquitetos da região. Como não podia deixar de ser, convidamos o Arquiteto Freddy Ferreira César, vencedor do Prémio de Arquitetura da Madeira e Porto Santo (PAMPS), na sua edição de 2024, para falar da sua obra icónica, a reconversão e requalificação do Matadouro, agora Centro Cultural e de Investigação do Funchal (CCIF).

Agradeço, em nome do Conselho Diretivo da Secção da Madeira da Ordem dos Arquitectos, a todos quantos contribuíram para que este projeto editorial se tornasse possível, arquitetos, colaboradores, designers e convidados, estou certa de que esta revista será um marco na política de proximidade entre a Ordem e o seu Arquiteto, extensível ao Público Madeirense e Portosantense, que se quer e se exige desde que se procedeu à Regionalização da Ordem dos Arquitectos.

ACONTECEU



1

APRESENTAÇÃO

26 janeiro 2023

Novo Guia de Arquitectura do Século XIX

A Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos apresentou o seu novo Guia de Arquitectura, com as 15 obras essenciais que marcaram o período do século XIX, de autoria de Rui Campos Matos e Daniela Alcântara, no dia 26 de janeiro, às 18 horas, no Foyer do Teatro Municipal Baltazar Dias.

Esta lançamento, contou com a presença do Secretário do Turismo e Cultura, Dr. Eduardo Jesus, com a Arq. Susana Gouveia Neves, Presidente da OA SRMAD, o Arq. Rui Campos Matos e a Arq. Maria Daniela Alcântara, autores da publicação, e teve apresentação de Pedro Gonçalves, vice-presidente da GENUS.

2

CERIMÓNIA

8 junho 2023

IV Jornadas Canarias sobre Economia Circular “La construcción en sistemas insulares”

A convite da Asociación para la Transición Energética, através de D. Oscar Garcia, e de D. Vicente Boissier, ex decano del Colegio de Arquitectos de Gran Canaria, a Arq. Susana Gouveia Neves, marcou presença nas IV Jornadas de Canarias sobre Economia Circular, para dar o seu contributo sobre a Arquitetura e Construção na Macaronésia. O evento foi transmitido online através da página do YouTube da Asociación para la Transición Energética.

3

INAUGURAÇÃO

1 agosto 2023

Exposição sobre o Arquitecto José António Bóia Paradela

A SRMAD em parceria com a SDM, organizou uma exposição sobre o Arq. José António Bóia Paradela, a ter lugar no Centro Cultural e de Congressos do Porto Santo. A exposição estará patente ao público no mês de agosto e setembro.



4

CONFERÊNCIA

2 outubro 2023

Conferência sobre a Simplificação de Procedimentos Urbanísticos

A SRMAD foi convidada pela Conselho Regional da Madeira da Ordem dos Advogados para a Conferência sobre a Simplificação de Procedimentos Urbanísticos. A conferência contou com a intervenção inicial do Prof. Doutor João Tiago Silveira, De seguida a apreciação do impacto do Simplex urbanístico, com a participação do Prof. Doutores João Miranda, da Arquiteta Susana Neves Presidente na Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos e do Eng. João Rodrigues, Vereador com o pelouro do Urbanismo na Câmara Municipal do Funchal.



5

VISITA

3 outubro 2023

Visita Guiada ao Convento de Santa Clara

Inserida nas Comemorações do Dia da Arquitetura, a Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos em conjunto com a Direção Regional da Cultura, organizou uma visita guiada ao Convento de Santa Clara, com o objetivo de dar a conhecer as obras de requalificação do monumento, considerando que esta é uma maneira de chamar a atenção sobre a importância da arquitetura regional e o papel dos arquitetos.

6

INAUGURAÇÃO

18 outubro 2023

Nova Sede e Tomada de Posse dos Órgãos Eleitos 2023-26

No dia 18 de outubro de 2023, a SRMAD recebeu os seus arquitetos, as entidades oficiais e convidados especiais na dupla cerimónia de inauguração da nova sede e Tomada de Posse dos órgãos eleitos para o triénio 2023 -2026, e contou com a honrosa presença na Região do Presidente do Conselho Diretivo Nacional, Arq. Avelino Oliveira.



7

PRÉMIO PAMPS

23 outubro 2023

Cerimónia de entrega do Prémio de Arquitetura da Madeira e do Porto Santo 2023

O PAMPS 2023, promovido pela SRMAD, conta com o alto patrocínio do Governo Regional da Madeira, através da SRTC, pela DRC. Nesta edição, O Arq. João Costa Nóbrega, foi o premiado com a 'Galeria Lourdes', tendo sido o troféu entregue pelo Secretário Regional do Turismo e Cultura, Eduardo Jesus. A Menção Honrosa foi para o Projeto Socalco Nature da MSB Arquitectos. À cerimónia, que decorreu na sede da SRMAD, seguiu-se a inauguração da Exposição do Prémio PAMPS, a qual contou com a presença do Arq. Michel Toussaint, presidente do júri.

ACONTECEU



8

EXPOSIÇÃO

20 dezembro 2023

Inauguração da exposição '(UN)MADE CITIES'

No seguimento do prémio de Arquitectura da Madeira e A exposição '(UN)MADE CITIES' do arquiteto madeirense Filipe Temtem sobre um projeto urbano no Chile, que esteve presente na Trienal de Arquitectura de Lisboa e que foi premiada na Bienal de Arquitectura de Nova Iorque, foi inaugurada na sede da Ordem dos Arquitectos, no dia 20 de dezembro no Funchal.

9

LANÇAMENTO

17 abril 2024

Lançamento dos Mapas Guia das obras do arquitecto Raúl Chorão Ramalho

A SRMAD organizou o lançamento do Mapa Guia das obras do arquitecto Raúl Chorão Ramalho, da autoria do historiador Emanuel Gaspar. Esta publicação consiste em dois guias sobre a obra na Região deste emblemático arquitecto, um dedicado às obras na área do Funchal e outro abrangendo todo o arquipélago. A cerimónia decorreu no auditório do Instituto de Segurança Social, com a presença do Secretário do Turismo e Cultura, da Vice-presidente da Assembleia Regional e da Arq. Sofia Aleixo do Conselho Diretivo Nacional da OA.



10

SIMPLEX

22 e 23 abril 2024

Sessão de Esclarecimento: Simplex Urbanístico

Apos 2 dias de Sessão de Esclarecimento sobre o Simplex Urbanístico, a SRMAD está com satisfação com a aderência em massa dos arquitetos da região, mais de 120 membros, engenheiros e técnicos camarários. Como foi dito nunca tantos arquitetos se juntaram em torno de uma questão. Isto é demonstrativo de quanto a classe está preocupada com os efeitos que este diploma e respetivas portarias terão no exercício da nossa profissão.



11

ENCONTRO
6 maio 2024

3.º Encontro dos Arquitectos da Administração Pública

A Ordem dos Arquitectos – Secção Regional da Madeira promoveu o 3.º Encontro dos Arquitectos da Administração Pública, que na Região Autónoma da Madeira se realizou no dia 6 de maio das 14h30 às 18h30. Este Encontro foi uma iniciativa nacional transversal que promoveu a colaboração e o intercâmbio de ideias entre profissionais do setor público em todo o país e que, desta forma, reafirmou o compromisso da Ordem dos Arquitectos com a promoção da excelência profissional e o desenvolvimento sustentável do ambiente construído.

12

RECEÇÃO
6 maio 2024

Cerimónia de Receção aos Novos Membros

A SRMAD promoveu a Cerimónia de Receção de Novos Membros, na sua sede, a 6 de maio, para dar as boas-vindas a todos os membros efetivos que ingressaram na Ordem dos Arquitectos entre junho de 2020 e dezembro de 2023. Procedeu-se à entrega dos Diplomas, pela mão do Presidente do Conselho Diretivo Nacional, o Arq. Avelino Oliveira e da Presidente do Conselho Diretivo Regional, a Arq. Susana Neves. Celebra-se uma nova etapa da vida profissional, assim como uma excelente oportunidade da partilha de experiências e aspirações da Profissão. Brindou-se com vinho madeira, oferta da Madeira Barbeito.



13

ARTIGO
6 maio 2024

Ordem dos Arquitectos na Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira

Por ocasião da vinda ao Funchal do Presidente do Conselho Directivo Nacional, o Arq. Avelino Oliveira, a OA foi amavelmente recebida pela AMRAM na manhã do dia 6 de maio, em reunião, onde foram amplamente discutidas tanto as questões que afligem os arquitetos na sua prática profissional, como questões de arquitetura e ordenamento do território. A OA SRMAD oferece os seus serviços para, em parceria, tornar mais célere e eficaz os procedimentos administrativos que têm estado em discussão, comuns a todas as autarquias da RAM



ACONTECEU



14

PALESTRA

3 julho 2024

Dia Nacional do Arquiteto 2024

O Dia Nacional do Arquiteto, assinalado anualmente a 3 de julho, visa celebrar a função social, a dignidade e o prestígio da profissão em Portugal. A data evoca a publicação do Estatuto da Ordem dos Arquitectos, a 3 de julho de 1998, assim como a data de revogação do Decreto n.º 73/73, com a publicação da Lei n.º 31/2009, a 3 de julho de 2009. Esta efeméride apresenta-se como uma oportunidade para relembrar todos os arquitetos que, nas suas múltiplas atividades, contribuíram para a promoção da arquitetura, do trabalho dos arquitetos e das causas sociais. Com o intuito de assinalar e destacar a importância desta data, a Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos esteve presente no mesmo dia 3 às 11h00, na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, onde o Arq. Freddy César Ferreira deu uma palestra sobre arquitetura, impacto paisagístico e o papel do arquiteto.

15

PRÉMIO PAMPS

7 outubro 2024

Cerimónia de Entrega do Troféu e Exposição | Prémio de Arquitetura da Madeira e Porto Santo 2024

Na entrega do Prémio de Arquitectura da Madeira e Porto Santo (PAMPS), a Presidente da Secção Regional da Ordem dos Arquitectos, Arq. Susana Neves manifestou satisfação pela qualidade do trabalho dos profissionais na Madeira, de que são exemplo o premiado e as menções honrosas. O Prémio PAMPS 2024 foi atribuído ao Matadouro - Centro Cultural e de Investigação do Funchal, CCIF, da autoria do arquiteto Freddy Ferreira César. Houve duas menções honrosas. Uma para o Projeto da Quinta de São João, do arquiteto João Nóbrega, e outra para o Conjunto Habitacional Nogueira III e Núcleo de Agroinclusão, dos arquitetos Carlos Gonçalves e Isabel Ramos Marques.



16

VISITA

14 outubro 2024

Visita guiada ao "Matadouro" - Centro Cultural e de Investigação do Funchal

A SRMAD da OA na sequência das Comemorações do Mês da Arquitetura, organizou uma visita guiada ao "Matadouro - CCIF" que venceu o Prémio de Arquitetura Madeira e Porto Santo 2024, com o objetivo de dar a conhecer a arquitetura, a estagiários e à população, a obra de requalificação, considerando que esta é uma maneira de chamar a atenção sobre a importância da arquitetura regional e o papel dos arquitetos. O evento decorreu no dia 14 de outubro, às 17h00 na Rua do Matadouro nº4, Funchal, tendo como cicerone o autor do projeto o Arquiteto José Freddy Ferreira César.



17

VISITA

26 outubro 2024

Visita Guiada à Quinta de São João

A Secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos no prosseguimento das Comemorações do Mês da Arquitetura, organizou uma visita guiada à “Quinta de São João” que recebeu uma Menção Honrosa no Prémio de Arquitetura Madeira e Porto Santo 2024. O evento decorreu no dia 26 de outubro, às 14h30 e às 15h30 no Caminho de São João, nº57-59, Câmara de Lobos, tendo como orientador o autor do projeto o Arquitecto João Costa Nóbrega.

18

VISITA

28 outubro 2024

Visita Guiada ao “Conjunto Habitacional Nogueira III & Núcleo de Agroinclusão”

Inserida nas Comemorações do Mês da Arquitetura, a SRMAD organizou uma visita guiada pelos Arquitectos responsáveis pela sua requalificação, Carlos Gonçalves e Isabel Marques, ao “Conjunto Habitacional Nogueira III & Núcleo de Agroinclusão” que recebeu uma Menção Honrosa no Prémio de Arquitetura Madeira e Porto Santo 2024.

19

HOMENAGEM

30 outubro 2024

Homenagem a título póstumo, ao arquitecto Edmundo Tavares

No encerramento das celebrações nacionais do Dia Mundial da Arquitetura a Ordem dos Arquitectos tem como tradição outorgar o Estatuto de Membro Honorário. O Conselho Diretivo Regional da Madeira propôs ao Conselho Diretivo Nacional, homenagear a Título Póstumo, o Arq. Edmundo Tavares. A cerimónia decorreu no dia 30 de outubro, no Auditório Nuno Teotónio Pereira, na sede nacional da OA, em Lisboa. Os Familiares do homenageado estiveram presentes e as insígnias foram recebidas pelo filho, homónimo Edmundo Tavares e do sobrinho neto António Barroso Cruz das mãos do presidente do CDN, Arq. Avelino Oliveira.



20

SEMINÁRIO

2 a 3 novembro 2024

Seminário Arquitetura nas Ilhas

ASRAZO, em parceria com a SRMAD, no ano em que se comemorou os 20 anos da classificação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico pela Unesco como Património da Humanidade, organizou o Seminário Arquitetura nas Ilhas (2.ª edição), dedicado ao tema da Arquitetura Terroir. O evento decorreu no Município da Madalena, na ilha do Pico, e contou com a participação de oradores de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores. Na ocasião, foram abordados temas relacionados com o território, paisagem, turismo e a habitação em territórios rurais, um assunto transversal às regiões da Macaronésia.

SAVE
THE
DATE

2-3 NOV 2024
PICO - AÇORES



Paulo David (Madeira)

SEMINÁRIO
arquitetura
nas ilhas

arquitetura terroir





O FUTURO DA ARQUITETURA REGIONAL NO TURISMO, AMBIENTE E CULTURA

EDUARDO JESUS, SECRETÁRIO REGIONAL DO TURISMO, AMBIENTE E CULTURA

Por **REDAÇÃO**
Fotos **DIREITOS RESERVADOS**

O Turismo, o Ambiente e a Cultura estão intrinsecamente ligados à construção e manutenção do nosso território. De que modo vê a responsabilidade dos arquitetos nesse papel de agentes de transformação da paisagem?

Acredito profundamente que os arquitetos são protagonistas da presença inteligente e responsável no território. Quando falamos de Turismo, Ambiente e Cultura, falamos necessariamente de paisagem, seja ela natural ou construída, e de como nos relacionamos com ela. A arquitetura, neste contexto é uma expressão cultural e um ato ambiental. Cada edifício, cada requalificação, cada intervenção no espaço público molda, não só, a forma como vivemos mas, também, como nos apresentamos ao mundo enquanto destino turístico e comunidade com identidade e, simultaneamente, como destino turístico.

Assim sendo, entendo os arquitetos como agentes fundamentais no diálogo entre tradição e inovação, entre proteção ambiental e desenvolvimento económico. A Madeira tem uma responsabilidade redobrada neste campo: somos um destino procurado pela sua beleza natural mas, também, pela forma como conseguimos conciliar o património e com a vivência no território. E essa conciliação passa, inevitavelmente, pelas mãos dos arquitetos, que são chamados a intervir desde a fase de planeamento até à execução. O Governo Regional tem estado totalmente disponível para esse diálogo interdisciplinar e construtivo.

Quais são os principais desafios relativos ao património edificado na RAM? Acha suficiente a proteção existente?

O Governo Regional tem feito um esforço consistente nos últimos anos na valorização do património edificado da Região, através de um investimento expressivo em projetos de recuperação, reabilitação e reutilização de imóveis com valor histórico e simbólico. Paralelamente, temos procedido à classificação de edifícios e conjuntos arquitetónicos, reforçando a necessidade de enquadramento legal que garante a sua proteção.

Ainda assim, os desafios persistem. Um dos principais continua a ser o de assegurar um equilíbrio eficaz entre preservação e funcionalidade. É fundamental que o património não seja visto como um obstáculo ao desenvolvimento, mas como uma base para revitalização urbana e dinamização cultural. Os edifícios históricos têm um potencial enorme para integrar novas funções — culturais, educativas, turísticas — desde que o processo de adaptação seja feito com respeito pelo seu valor identitário e que essa intervenção permita a continuidade da sua existência.

Apesar da vigência de instrumentos legais e regulamentares, a sua aplicação no terreno pode enfrentar dificuldades, sobretudo em contextos onde há limitações técnicas, orçamentais ou, mesmo, de sensibilização. Por isso, é essencial promover uma abordagem mais integrada e colaborativa, envolvendo proprietários, municípios, técnicos especializados e a comunidade, criando redes de valorização ativa do património.

Neste percurso, iniciativas como o Prémio de Arquitetura Madeira e Porto Santo, apoiado pelo Governo Regional da Madeira, através desta Secretaria Regional, são fundamentais. Este prémio reconhece não só a excelência da arquitetura contemporânea e promove uma reflexão qualificada sobre a forma como intervimos no território, seja em obra nova ou de reabilitação, reforçando a importância do património edificado como recurso estratégico para o futuro da Região.

Considera que o Alojamento Local e outros investimentos estrangeiros têm sido uma ajuda na recuperação e manutenção das localidades? Em que sentido poderão impactar com o problema da falta de habitação a preços acessíveis?

O Alojamento Local tem tido, de facto, um papel dinamizador na recuperação urbana, sobretudo em zonas que estavam em processo de abandono ou desvalorização. Muitos edifícios voltaram a ter vida, criaram-se novas dinâmicas locais e diversificou-se a oferta turística. Não é líquido que esta mesma dinâmica tenha trazido pressões sobre o mercado habitacional, nomeadamente no que diz respeito ao acesso à habitação por parte da população residente. A reabilitação urbana requer um investimento cujo retorno tem que ser garantido. Caso contrário ninguém a faz e o Alojamento Local tem garantido essa possibilidade.

A resposta não deve passar por demonizar o Alojamento Local ou o investimento estrangeiro, mas sim por encontrar instrumentos de regulação equilibrados, que promovam o investimento qualificado e,



“Os arquitetos têm aqui um papel importante na promoção de soluções construtivas adaptadas à paisagem, resilientes às alterações climáticas, energeticamente eficientes e esteticamente integradas.”

ao mesmo tempo, garantam condições dignas de habitação a preços acessíveis para quem vive e trabalha na Região.

Como é sabido, os maiores pontos de conflito estão na co-habitação do Alojamento Local em prédios habitacionais e não através dos edifícios requalificados para aquela atividade.

Estamos a trabalhar através da articulação intersectorial entre o ordenamento do território, o planeamento urbano e a política social de habitação. O território tem de ser vivido em equilíbrio. E a arquitetura tem aqui, também, um papel-chave: a reabilitação de zonas urbanas deve contemplar soluções mistas, integrando funções turísticas, culturais e residenciais.

O investimento estrangeiro na habitação é, muitas vezes, relacionado com o problema de habitação para a população local, no entanto é preciso ter em conta que o mesmo impulsionou uma oferta distinta daquela que é tipicamente habitual para os residentes.

Em regra, assistimos à compra ou à construção de unidades que não foram direcionadas para o residente, porque envolvem investimentos muito mais significativos e com “exigências” que estão para além do que nos é normal, refletindo-se no valor das mesmas.

Esta captação de investimentos (com aspetos positivos por via da qualificação que produz e pelo valor que possibilita à economia regional. Isto não significa que não haja pressão sobre a habitação para os locais. Apenas pretendo distinguir as situações, sabendo da estratégia assumida pelo Governo Regional da Madeira que produzirá efeitos muito positivos dentro de muito pouco tempo.

Quais serão as medidas a tomar para prevenir as consequências ambientais do crescente número de visitantes? De que modo os arquitetos podem ser parceiros nessa tomada de consciência interventiva no território e paisagem?

Estamos, neste momento, a consolidar a certificação da Madeira como destino turístico sustentável, no âmbito dos critérios internacionais do Global Sustainable Tourism Council (GSTC) e da qual contamos já com o segundo nível prata. Esta certificação é um compromisso com a gestão equilibrada dos recursos naturais, culturais e sociais, e impõe-nos metas ambiciosas para os próximos anos.

Nesse contexto, temos vindo a implementar medidas de diversificação turística no território, evitando a sobrecarga de determinados pontos e promovendo a mobilidade suave, a valorização dos trilhos pedestres, o respeito pela capacidade de carga dos espaços e a educação ambiental dos visitantes. Mas nenhuma destas medidas terá sucesso se não for acompanhada por boas práticas resultantes dos compromissos assumidos em matéria de ordenamento.

Os arquitetos têm aqui um papel importante na promoção de soluções construtivas adaptadas à paisagem, resilientes às alterações climáticas, energeticamente eficientes e esteticamente integradas. Precisamos de projetos que não se imponham à paisagem, mas que dialoguem com ela e a enriqueçam. E é por isso que valorizamos a presença da arquitetura nas políticas ambientais e turísticas, como aliada da sustentabilidade do destino.

Quais são as principais metas “arquitetônicas” para o futuro “projeto” governativo que a sua Secretaria abraçará nos próximos 4 anos?

Nos próximos quatro anos, a Secretaria Regional de Turismo, Cultura e Ambiente pretende concretizar uma visão integrada para o território, onde a arquitetura terá um papel estruturante. A prioridade passa por reforçar a ligação entre a identidade cultural, a sustentabilidade ambiental e a qualificação do espaço construído. Pretendemos apostar fortemente na reabilitação e reutilização de edifícios com valor patrimonial, atribuindo-lhes novas funções culturais, turísticas e sociais, para que não sejam apenas peças do passado, mas elementos vivos do presente.

Outro eixo fundamental será a melhoria da qualidade do espaço público, tanto em contextos urbanos como em zonas rurais, com intervenções que promovam a mobilidade pedonal, a fruição cultural e o conforto ambiental. Queremos que a arquitetura contemporânea tenha um papel mais visível e reconhecido no território regional.

A promoção da construção sustentável será também uma prioridade, com enfoque especial em áreas sensíveis do ponto de vista ambiental, onde as propostas de intervenção devem respeitar a morfologia, a biodiversidade e a memória do lugar. Neste sentido, a arquitetura é assumida como parceira ativa na execução das políticas territoriais responsáveis.

Continuaremos, igualmente, a apoiar o Prémio de Arquitetura Madeira e Porto Santo, não apenas como uma distinção de excelência mas como uma plataforma de reflexão crítica sobre o território que envolve profissionais, estudantes e cidadãos. Este prémio é um instrumento importante para dar visibilidade às boas práticas e para reforçar a consciência coletiva sobre a qualidade da realidade construída. No fundo, queremos integrar plenamente os princípios da sustentabilidade — ambiental, social e económica — em todos os projetos que a Secretaria promove ou apoia. Acreditamos que a arquitetura deve ser parceira ativa da política pública de valorização do território e, por isso, contamos com os arquitetos como parte fundamental na construção de uma Madeira melhor preparada para o futuro.







A OBRA DE EDMUNDO TAVARES NO FUNCHAL

“(...) O QUE É PRECISO, É NÃO FAZER PROPOSITADAMENTE OBRA ANTIGA, NEM TAMPOUCO PRETENDER DESLUMBRAR COM REALIZAÇÕES ARTIFICIALMENTE MODERNISTAS”

Por **SERGIO FRANCO** | ARQUITETO

Fotos cedidas gentilmente por **EDMUNDO TAVARES** | FILHO

O presente artigo tem por base a Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Fernando Pessoa, em 2012, resultado duma investigação sobre a obra do arquiteto Edmundo Tavares no Funchal.

A obra deste arquiteto na cidade do Funchal é de importância maior, e pouco divulgada, nomeadamente face ao legado que esta constitui, e do corolário do mesmo, no progresso da arquitetura moderna na Ilha da Madeira.

Nos anos em que viveu na Ilha da Madeira (1932 a 1939), a produção arquitetónica do autor, particularmente através do levantamento arquivístico, tão exaustivo quanto possível, da documentação administrativa e da produção escrita com ela relacionada, sustentando essa análise numa contextualização histórica alargada.

A investigação permitiu perceber e precisar documentalmente um percurso estilístico próprio, e uma produção grandemente ignorada. Numa fase de mudança de tendências arquitetónicas, Edmundo Tavares consegue ser um caso típico e ao mesmo tempo único da arquitetura portuguesa na década de 30 do século XX.

I. O Contexto Histórico

Em Portugal, e após a reafirmação do desenvolvimento industrial, dá-se uma sequência de “neos”. Findando essas contínuas sucessões, a orientação Neo-Românica, na geração de artistas de 90´s do século XIX, com uma consciência ligada aos valores nacionalistas e tradicionalistas, produziu uma “modernidade eclética” nacional possível, na qual se integrava a “casa à antiga portuguesa”. Paralelamente, um padrão eclético afrancesado, serviu de alternativa projetual.

Este gosto guiou a formação e a produção arquitetônica de uma geração de artistas, durante décadas, até, pelo menos, aos anos 20 do século XX. Na passagem do século, a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova iam aparecendo, embora tarde e muito raramente, na arquitetura erudita portuguesa, mas genericamente permaneceram ligados ao ecletismo.

Foi, também, importante analisar o caso particular de Raul Lino, que influenciou igualmente esta geração. Na procura de um modelo nacional, estava na vanguarda, com a sua componente de análise de elementos ligados ao portuguesismo arquitetônico. Este tinha novos métodos na abordagem da problemática e veio sugerir o modelo regionalista da Casa Portuguesa.

Mas, em meados dos anos 20 do novo século, a arquitetura na Europa e consecutivamente em Portugal sofre profundas alterações. A Art Deco trouxera à nova geração de artistas, uma visão diferente e moderna de fazer arquitetura. Esta linha estética serviu de indumentária a uma arquitetura, por vezes, de índole decorativo, mas também, na sua feição depurada, esteve na origem de excelentes e sinceramente inovadoras obras.

No entanto, esta geração modernista não haveria consolidado a suas bases modernas, continuando fortemente ligada à sua formação académica. Sem um rumo sólido assente, estes facilmente se deixaram levar, captando no ar os ventos de mudança políticos, para o campo do conservadorismo artístico.

Ator neste campo era o regime político após 1926, o Estado Novo. Os desejos de exhibir modernidade desse estado “novo”, numa pri-



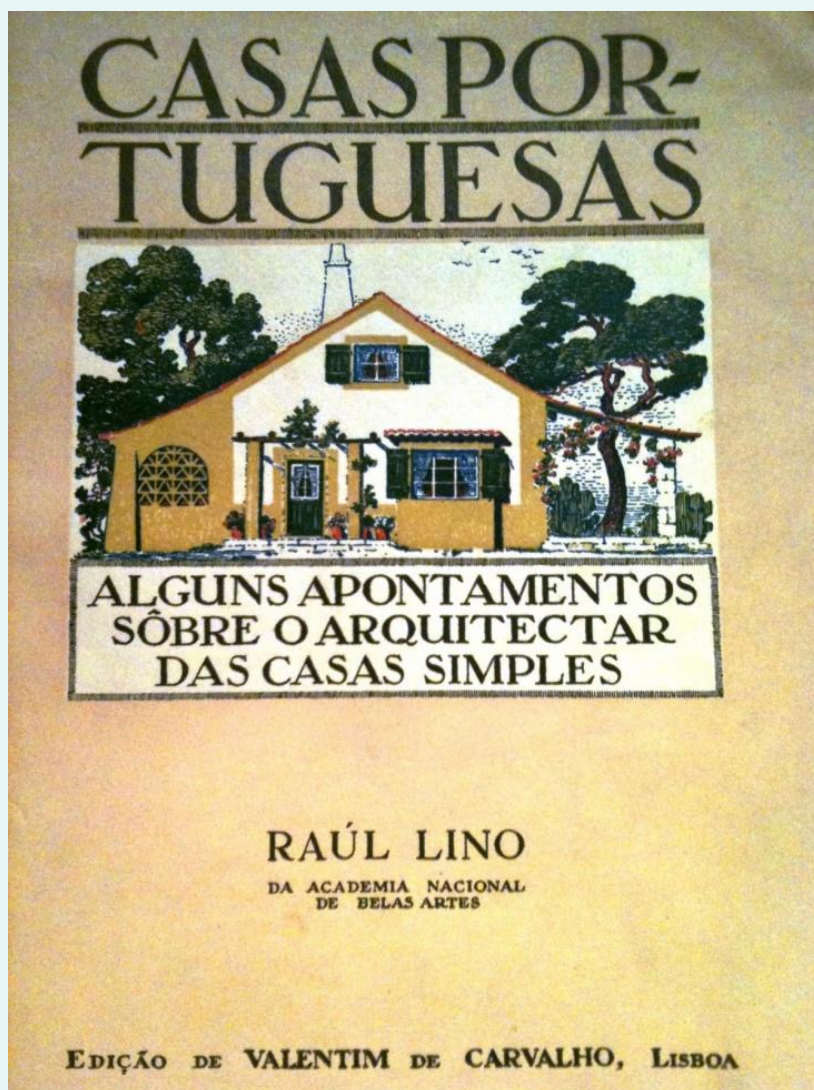
Escritos
posteriores
do arquiteto
revelam-nos uma
preocupação
de integração
paisagística
mais do que de
caracterização
por motivos
“folclóricos” e uma
visão temperada
da modernidade
face à tradição.

meira fase, e posteriormente as ambições de monumentalidade e sublimidade, evidenciadas pelas figuras maiores deste regime e pelas suas referências políticas de então, dão azo a que se lhe impõem as principais responsabilidades, através de métodos coercivos, na aplicação da viragem conservadora na arquitetura associada a este regime, o Português Suave. Não parece, no entanto, que o estado tenha sido nem o único nem o principal responsável por este modelo de arquitetura. Parece, antes, que os arquitetos portugueses, conscientes das suas preferências, tiveram, na origem do modelo, uma responsabilidade díspar, mormente a partir do concurso para o Monumento de Sagres, e principalmente desde a apresentação do documento dirigido a Salazar, conhecido como “Representação 35”.

II. O Autor e a Cidade do Funchal

É nesta contextualização histórica que se insere o percurso estilístico do arquiteto Edmundo Tavares, fruto duma formação eclética e ativo na Madeira no período que vai dos entusiasmos modernistas ao aparecimento do Português Suave. A sua ligação ao Funchal é também interessante pela produção teórica sobre a arquitetura local, participando em co-autoria na brochura “Casas Madeirenses”, obra que procura trazer à questão a existência de uma casa madeirense, através de uma pseudo caracterização de elementos típicos regionais, criando um “catálogo” de projetos recheados de elementos típicos a adaptar a cada local modelo. Estas intenções, não passaram de uma análise teórica, que Tavares nunca levaria integralmente à prática. Escritos posteriores do arquiteto – “A Habitação Portuguesa”, de 1946 – revelam-nos uma preocupação de integração paisagística mais do que de caracterização por motivos “folclóricos” e uma visão temperada da modernidade face à tradição.

Embora se demonstre, por diversas vezes, a sua enraizada ligação aos elementos típicos tradicionalistas e regionalistas do movimento Casa Portuguesa de Raul Lino, este autor tem, no seu legado arquitetónico deixado na Madeira, um rico e múltiplo percurso de linhas e opções arquitetónicas, variável e mesmo inconstante.



Livro “Casas Portuguesas” 3ª Edição de 1943 – Raul Lino Fonte: autor

No entanto, a procura de uma linha estética e filosofia da arte, na geração de Tavares, era usualmente inconstante e inquieta. A duplicidade de critérios demonstrada pelo autor, na sua obra, não fora, de todo, despropositada. Assumia antes, o recurso às diversas linhas e movimentos, como soluções lógicas às exigências para a resolução da problemática, que lhe era confiada.

Por tudo acima descrito, não é de estranhar, que no seu legado em terras funchalenses tenha, inicialmente e principalmente, nos projetos de moradias, mas também no edifício do Banco de Portugal, optado por uma arquitetura de feição eclética, fonte acreditada e recorrente na maioria dos arquitetos desta época, e muito ligada à “casa à antiga portuguesa”.

Mas o estudo prova, que terá sido na linha moderna da arquitetura de então, que este suposto tradicionalista mais projetou nesta cidade. A Art Deco, quer em versões populares e mais decorativistas, quer em registo depurado, em habitações e equipamentos, sendo o maior exemplo o Mercado dos Lavradores.



Ante-projecto do Liceu Jaime Moniz de 1934 Fonte: Arquivo Regional do Funchal

No entanto, Tavares não ficou afastado da utilização do modelo Português Suave. Vinculado ao modelo nacionalista de liceus, desenhará o Jaime Moniz, embora o anteprojecto seja de linha moderna, e uma habitação privada. No estudo deteta-se, apenas, essa única obra ligada esteticamente ao movimento Casa Portuguesa de Raul Lino, a casa senhorial do Lido, embora, admita-se, a utilize elementos de raciocínio regionalista associados a este movimento, em algumas outras, não as vinculando totalmente, no entanto, aos cânones formais do referido modelo.

A obra de Edmundo no Funchal foi um importante contributo no desenvolvimento da arquitetura moderna nesta região. Na condição de ser o primeiro arquiteto a ali residir, encontrando uma cidade que tinha grandes atrasos no seu desenvolvimento social e económico e, portanto, urbano e arquitetónico, este tinha uma responsabilidade acrescida. Terá sido neste panorama de eleição, que o autor terá visto um quadro de oportunidades na experimentação arquitetónica. Salientamos até que, para um arquiteto de raízes conservadoras (no sentido académico) tão vincadas, como parece demonstrar a sua obra fora da Ilha da Madeira, este tomou por opção, em grande parte do que fez no Funchal, um trajeto modernista, numa cidade que ambicionava atingir uma vindoura modernidade.

COMPLEXO HABITACIONAL NOGUEIRA III

COMPROMISSO DE SUSTENTABILIDADE, MEMÓRIA E RESPONSABILIDADE

“Cada edifício existente é uma lição de história. Reabilitar é escutá-lo, entendê-lo e projetar a sua continuidade.”

Marta Cadete, Head of Development & Asset Management - EastBanc

Por **CARLOS GONÇALVES** | ARQUITETO

O desafio do nosso tempo

A arquitetura contemporânea enfrenta um dilema incontornável: como continuar a construir num mundo saturado de construção? A resposta está, cada vez mais, na reabilitação.

A arquitectura em si mesmo é um legado da humanidade para o planeta, ela é essencial com vista a promover um mundo mais sustentável e ecológico, tornando o homem não apenas um mero ocupante do espaço em que vive, mas fazendo dele um ser consciente e responsável pelo planeta que habita, utilizando a arquitectura como a chave do equilíbrio.

O arquitecto é uma ferramenta que lê a sociedade, todos os seus sistemas intrínsecos, no intuito de criar uma melhor sociedade para as pessoas num ambiente, num espaço social e económico mais sustentável. Teremos melhores pessoas que se desenvolvem em espaços melhores, isto porque interiorizam a consciência que têm de si mesmas e do ambiente que as rodeia, isto tudo de uma forma dinâmica e diferente no tempo.

A arquitectura contribui claramente em todo o processo evolutivo, isto porque tem a capacidade de se reinventar como “ferramenta”, não tanto como elemento de revolta, mas como “condutor de mentes” desde que seja sempre na perspectiva correta e consciente.

Reabilitação como ato sustentável

Sabemos que a construção civil representa cerca de 40% das emissões globais de CO₂. Cada nova construção exige extração de matérias-primas, consumo energético e ocupação de solo. Reabilitar, por oposição, é um gesto de contenção. Trabalhar com o existente significa reduzir desperdícios, prolongar ciclos de vida e valorizar o já construído como um recurso em si mesmo.



Conservar o que se pode, adaptar o que se precisa e substituir apenas o necessário é hoje um dos pilares da sustentabilidade arquitetônica. E é também um exercício de inteligência e objetividade no ato de projetar.

Criar com responsabilidade

O arquiteto é, neste contexto, mais do que um técnico: é um mediador entre tempos. A reabilitação exige domínio técnico, mas também sensibilidade patrimonial e a percepção social. Cada intervenção é uma oportunidade de reconstruir a memória urbana, regenerar tecidos fragmentados e promover habitação digna.

Quando reabilitamos um edifício para habitar, estamos a intervir no presente com os olhos postos no futuro, mas sem esquecer o passado. Este equilíbrio delicado é onde reside a verdadeira responsabilidade da nossa profissão.

O arquitecto/ser humano, funciona como o centro de um espelho de várias fases onde a arquitectura, em todas as suas dimensões, o homem como uno/conjunto e o espaço/local/ambiente/economia se reflectem e são reflectidos numa dinâmica extraordinária e moldável a todas as situações e condições.

Se por um lado temos a dimensão funcional, a técnica e construtiva, a estética, a social, a económica, a política, a ética e a utópica da arquitectura, por outro temos um sistema complexo inato do ser humano como unidade e como ser social, onde o ambiente onde vive exige atitudes cada vez mais sustentáveis e onde o arquitecto não pode negar o seu papel fundamental.

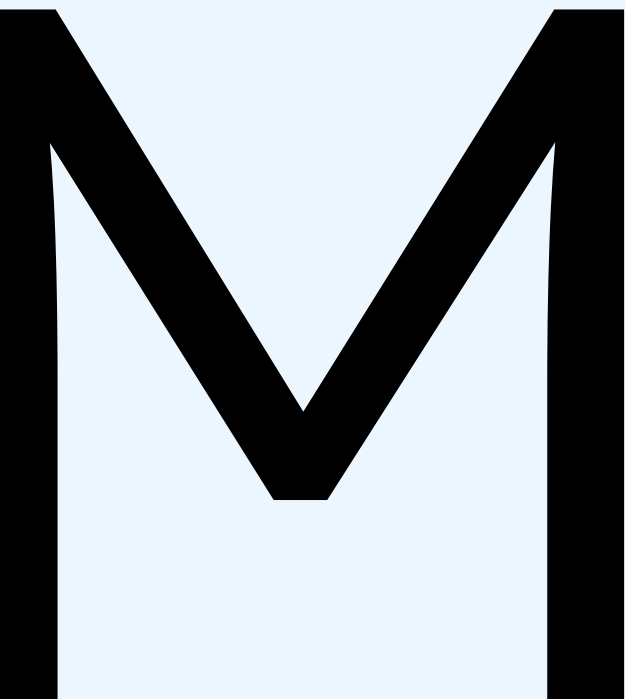
Num momento em que as cidades enfrentam fenómenos de gentrificação, desertificação e pressão imobiliária, a reabilitação é também um instrumento de justiça social. Reabilitar para habitar é devolver vida a edifícios devolutos, criar habitação acessível onde antes havia abandono.

Conclusão

Reabilitar para habitar não é apenas uma estratégia técnica. É um manifesto silencioso, uma prática de resistência e um gesto de compromisso com o futuro. É o arquiteto a assumir o seu papel enquanto cuidador do território, guardião da memória e agente de mudança, permitindo cuidar e regenerar o no nosso ciclo de vida, transformando o passado numa promessa do futuro, reutilizando toda a energia contida na vida do edificado.

A inclusão de materiais reciclados, técnicas tradicionais adaptadas, soluções passivas e renováveis devem estar ao serviço de um objetivo maior: criar espaços habitáveis, belos e duradouros, que maximizem a dicotomia entre o lugar e os habitantes.

Porque, no fundo, habitar com dignidade começa por reabilitar com responsabilidade.



Por **RUI CAMPOS MATOS** | ARQUITETO

De acordo com o historiador madeirense António Aragão o Funchal teria sido a primeira cidade construída por europeus fora da Europa. O mesmo poderíamos dizer sobre a paisagem da Ilha da Madeira: a primeira construída por europeus fora da Europa – em “terra nova, nunca lavrada, nem conhecida desde o princípio do mundo até àquela hora”, como escreveu Gaspar Frutuoso em finais do século XVI. Trata-se de uma construção ciclópica erguida por agricultores que consigo transportavam os conhecimentos adquiridos na exploração dos solos de um continente exaurido por milénios de ocupação humana. Um continente desflorestado, onde matagais, brenhas e charnecas tinham já substituído os soutos atlânticos e os bosques mediterrâneos.

Reza a lenda que, para criar solos aráveis, os povoadores começaram por atear fogo à floresta imaculada que encontraram. Dela extraíram as madeiras de Til, Vinhático, Barbusano e Cedro, algumas

MADEIRA

PAISAGEM NATURAL VERSUS PAISAGEM CONSTRUÍDA

das quais podemos hoje encontrar nos tectos da Alfândega e da Sé do Funchal. Com o crescimento populacional gerado pelo comércio do açúcar, esgotados os solos ribeirinhos mais favoráveis ao plantio extensivo da cana e dos cereais, iniciou-se a conquista da montanha. Assim nasceram os famosos “poios” agrícolas da Madeira, socalcos cultivados que, durante séculos, moldaram a paisagem rural da ilha. Há 60 anos, eles constituíam, ainda, como o comprova a fotografia tirada em 1959 pelo *Geographical Magazine* no Estreito de Câmara de Lobos, uma das mais belas e majestosas paisagens humanizadas do planeta.

A diferentes doseamentos do natural e do cultural correspondem paisagens distintas que podem ir da absoluta contingência da natureza livre, onde o homem não participa senão como observador, ou protector – como é o caso da floresta Laurissilva –, à chamada “paisagem urbana”, em que a “artificialidade” da construção humana é dominante. Entre estes dois extremos situa-se a paisagem rural, onde, num frágil equilíbrio, o agricultor molda a natureza sem, todavia, eliminar a capacidade que esta tem de se renovar autonomamente. Foi esta paisagem, com cultivos de cana, vinha, bananais, hortas ou pomares – alimentada pela extensa rede de levadas que drenavam os aquíferos da Laurissilva – que garan-



Incredible Labor Carved This Mountain into a Staircase of Tiny Farm Plots
Overpopulated Madeira uses every foot of arable land, most of it lying on precipitous slopes. Mortarless stone walls, some of them 25 feet high, enclose patches as small as a tabletop. Cabbages or sweet potatoes planted beneath high-trellised vines give growers an extra crop.

Carving the terraces by hand, Madeira's farmers scrape away the topsoil, level the bedrock, and build a retaining wall. Finally the soil is spread back.

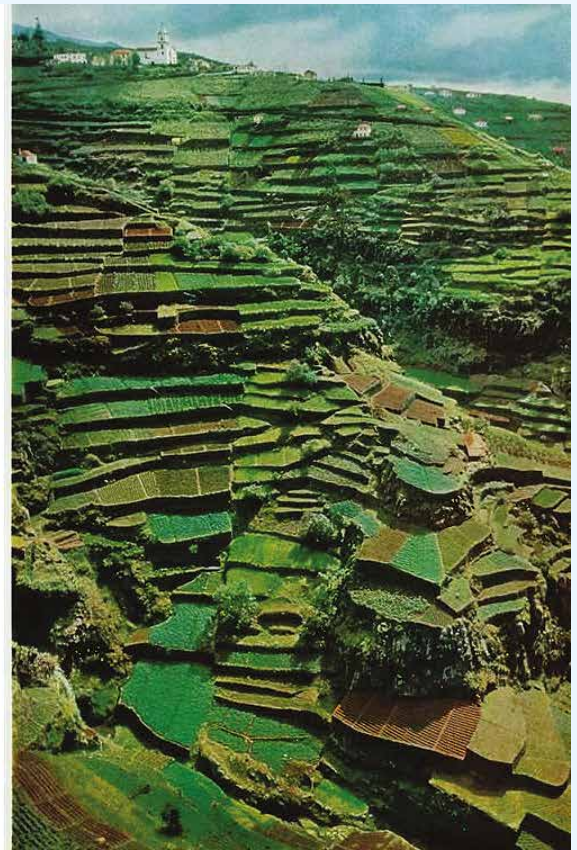
Steep slopes rule out the use of mechanized equipment; the standard tool is a heavy mattocklike hoe.

Farm wife carries a sickle to cut grass for her cow. She imprisons the beast in a thatched stable (page 382) lest it eat her cabbages or fall off a terrace.

Farmers convoy a heifer fore and aft to a vaccination center near Câmara de Lobos.



376 PHOTOGRAPHS BY G. HATHORN; STYLING: CÉCILE AND OPPENHEIM; AND DAVID S. RYKER, NATIONAL GEOGRAPHIC STAFF © N. G. S.

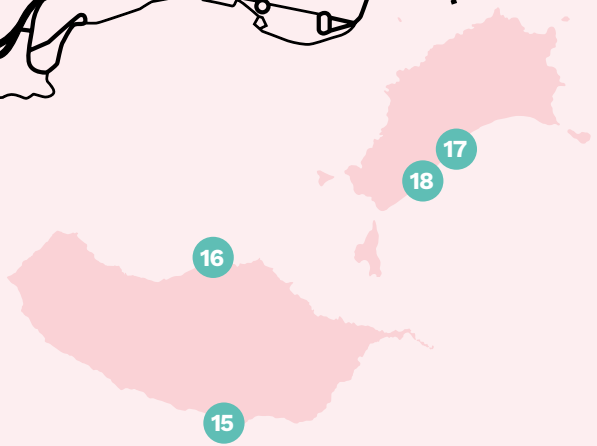
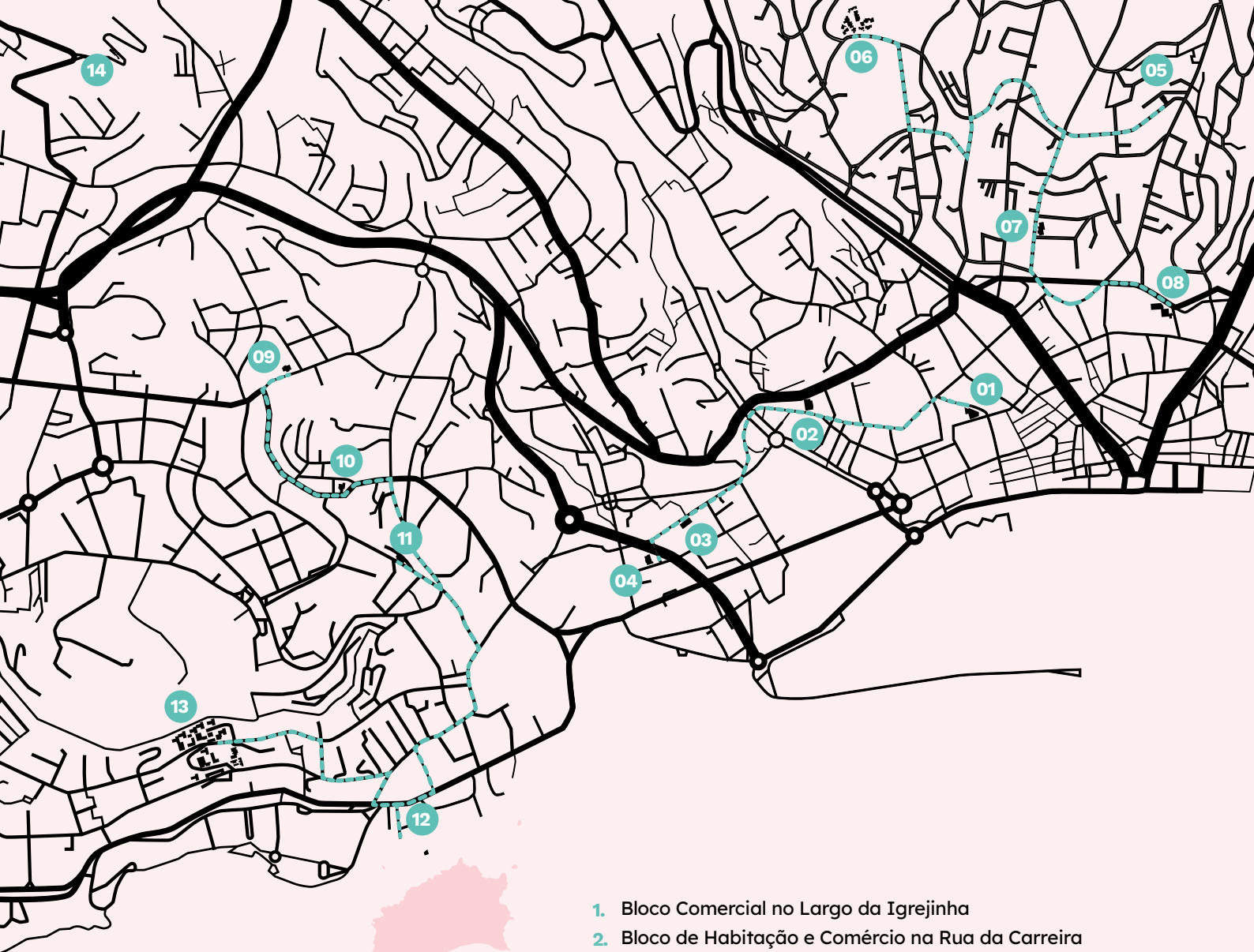


tiu a subsistência da população madeirense durante muitos séculos.

O progressivo abandono da agricultura, associado à inoperância da maioria dos instrumentos de planeamento, tem contribuído para o desaparecimento desta paisagem. Trata-se de um problema complexo para o qual não existe uma solução mágica ou instantânea. Sabemos que não é possível, nem desejável, regressar ao passado de pobreza e privações que foi o reverso da belíssima paisagem dos poios agrícolas de 1959. Mas será que o bem-estar das populações, aquilo a que chamamos “desenvolvimento”, tem de ser sinónimo de características muralhas de betão, edifícios de cinco ou mais pisos semeados pelas encostas, abandono dos caminhos reais e dos muros em pedra que sustentavam os poios? Parece haver exemplos que contrariam esta ideia: a Região Vinhateira do Alto Douro e a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico,

nos Açores, são paisagens rurais que foram classificadas pela UNESCO como Paisagens Culturais Património da Humanidade. O potencial turístico e de promoção dos produtos de exportação que estas paisagens geram é apreciável.

O recuo da agricultura parece, todavia, não ter fim, dando continuidade a um processo que se iniciou há mais de meio século. Concomitantemente, a urbanização do território progride, polarizada pelo Funchal e incorporando quatro antigas vilas entretanto elevadas a cidade: Câmara de Lobos, Caniço, Santa Cruz e Machico. Que lugar e que forma assumirá a agricultura das próximas décadas? Qual o futuro desta nova paisagem onde o rural e urbano se interpenetram formando um mosaico cujo padrão temos dificuldade em discernir? Eis algumas questões a que é preciso dar resposta. Questões sobre as quais os arquitectos deverão ter sempre uma palavra a dizer.



ROTEIRO RUI GOES FERREIRA

1. Bloco Comercial no Largo da Igrejinha
2. Bloco de Habitação e Comércio na Rua da Carreira
3. Moradia Unifamiliar Ricardo Camacho
4. Moradia Unifamiliar José Luz Trindade
5. Bloco Habitacional Sardinha e Matos
6. Conjunto Habitacional do Grémio dos Industriais de Bordados da Ilha da Madeira (GIBIM)
7. Bloco Residencial de Santa Luzia
8. Edifício Fabril da Empresa de Cervejas da Madeira
9. Habitação para Dr. Adolfo Brazão
10. Escola Primária da Nazaré
11. Duas Moradias Geminadas Barros
12. Arranjo da Escarpa, Instalações Balneares e Acessos do Clube de Turismo da Madeira
13. Bairro Económico da Ajuda
14. Complexo Residencial Pico Barcelos
15. Bairro Económico dos Pescadores
16. Casa do Povo da Boaventura
17. Conjunto Habitacional Eng. Alberto Reis no Porto Santo
18. Moradia Rui Menezes



1

**Bloco Comercial
no Largo da Igreja**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
e Manuel Vicente

Cliente

Araújo e Filhos
(Herdeiros de José
Henriques de Araújo)

Projeto

Equipamento Comercial

Sítio

Rua das Pretas, 1

Data

1968-73

Estado

Alterado e ampliado



2

**Bloco de Habitação e Comércio
na Rua da Carreira**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

José da Silva Ganança

Projeto

Habitação Plurifamiliar
e Equipamento Comercial

Sítio

Rua da Carreira, 272-274

Data

1969

Estado

Inalterado



3

**Moradia Unifamiliar
Ricardo Camacho**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Ricardo Camacho

Projeto

Habitação Unifamiliar

Sítio

Rua dos Ilhéus, 13

Data

1964-73

Estado

Inalterado



4

**Moradia Unifamiliar
José Luz Trindade**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

José da Luz Trindade

Projeto

Habitação Unifamiliar

Sítio

Rua Nova dos Ilhéus, 6

Data

1964

Estado

Inalterado



5

**Bloco Habitacional
Sardinha e Matos**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Dr. Mário Sardinha
e Dr. Mário Matos

Projeto

Habitação Unifamiliar

Sítio

Rua Nova Pedro José de Ornelas,

10-12

Data

1963-65

Estado

Inalterado



6

**Conjunto Habitacional do Grémio
dos Industriais de Bordados
da Ilha da Madeira (GIBIM)**

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
e Manuel Vicente

Cliente

Grémio dos Industriais de Bordados
da Ilha da Madeira (GIBIM)

Projeto

Conjunto Habitacional

Sítio

Rua do Til

Data

1964-73

Estado

Alterado



7

Bloco Residencial de Santa Luzia

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Manuel Franco

Projeto

Bloco Residencial

Sítio

Rua de Santa Luzia, 6-6A

Data

1968-68

Estado

Ampliado (terceiro piso acrescentado)



8

Edifício Fabril da Empresa de Cervejas da Madeira

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Empresa de Cervejas da Madeira (ECM)

Projeto

Edifício Fabril

Sítio

Rua Alferes Veiga Pestana, 14

Data

1961-75

Estado

Alterado



9

Habitação para Dr. Adolfo Brazão

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Dr. Adolfo Sousa Brazão

Projeto

Habitação Unifamiliar

Sítio

Rua Professor Dr. Marck Athias, 3

Data

1964

Estado

Alterado



10

Escola Primária da Nazaré

Arquitetos

Rui Goes Ferreira e José Mesquita de Oliveira

Cliente

-

Projeto

Equipamento Escolar

Sítio

Azinhaga da Nazaré

Data

1963-66

Estado

Inalterado



11

Duas Moradias Geminadas Barros

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Jorge Fernandes Nunes de Barros

Projeto

Habitações Geminadas

Sítio

Caminho da Nazaré, 31C

Data

1969

Estado

Inalterado



12

Arranjo da Escarpa, Instalações Balneares e Acessos do Clube de Turismo da Madeira

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

ENTURMA, Empresa Madeirense de Turismo, SARL

Projeto

Arranjo de Exteriores e de Instalações Balneares

Sítio

Estrada Monumental, 179

Data

1963-67

Estado

Alterado e ampliado



13

Bairro Económico da Ajuda

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
Bartolomeu Costa Cabral
José António Paradela
João Conceição
José Mesquita de Oliveira

Cliente

Federação de Caixas de Previdência

Projeto

Conj. Hab. de Habitações Económicas

Sítio

Rua do Bairro da Ajuda

Data

1963-73

Estado

Alterado



14

Complexo Residencial Pico Barcelos

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
Manuel Vicente

Cliente

José Silvestre Camacho

Projeto

Complexo Residencial

Sítio

Urbanização Pico dos Barcelos, 1-3

Data

1967-69

Estado

Alterado



15

Bairro Económico dos Pescadores

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
António Marques Miguel
Fernando Machado, Gilberto Martins
e Marcelo Costa

Cliente

Fundo Fomento da Habitação e Junta
Central das Casas dos Pescadores

Projeto

Bairro Económico

Sítio

Rua Dr. Carlos Manuel Henriques
Pereira, Câmara de Lobos

Data

1975-78

Estado

Pouco alterado



16

Casa do Povo da Boaventura

Arquitetos

Rui Goes Ferreira
Gil Francisco Pereira Martins

Cliente

Junta Geral das Casas do Povo
e Direcção Geral do Trabalho e
Corporações

Projeto

Casa do Povo

Sítio

Rua da Casa do Povo, Boaventura

Data

1965-69

Estado
Inalterado



17

Conjunto Habitacional

Eng. Alberto Reis no Porto Santo

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Eng. Alberto Reis

Projeto

Conjunto Habitacional

Sítio

Pedras Pretas, Estrada da Calheta,
Porto Santo

Data

1969-70

Estado

Alterado e completado parcialmente
em 2005



18

Morada Rui Menezes

Arquitetos

Rui Goes Ferreira

Cliente

Rui Menezes

Projeto

Morada Unifamiliar

Sítio

Sítio da Ponta, Estrada da Calheta,
Porto Santo

Data

1970-71

Estado

Inalterado



1

**Quartirão da Segurança Social
da Madeira
(antiga Caixa de Previdência
do Funchal)**

Arquiteto

Chorão Ramalho

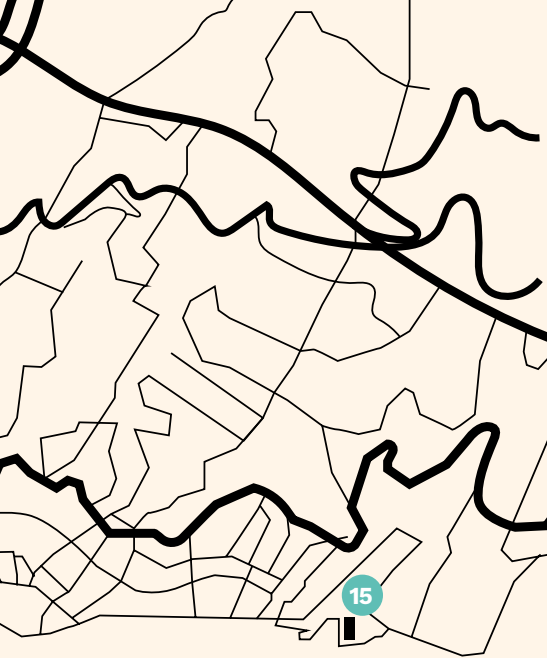
Sítio

Rua Elias Garcia, 14

Data

1967

ROTEIRO RAÚL CHORÃO RAMALHO



1. Quarteirão da Segurança Social
2. Centro Comercial e Clínica da Sé
3. Habitação Bom Jesus
4. Assembleia Legislativa Regional da Madeira
5. Edifício Sede da Empresa de Eletricidade da Madeira
6. Edifício Chorão Ramalho
7. Edifício da Firma Blandy Brothers
8. Edifício Acciaiuoli
9. Escritórios da Firma Henrique e Gouveia
10. Panificadora Milpan
11. Conjunto Habitacional da Carne Azeda
12. Igreja do Imaculado Coração de Maria
13. Capela-Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias
14. Hotel Quinta Magnólia
15. Lar da Bela Vista
16. Casa Bianchi



2
Centro Comercial e Clínica da Sé
 (antigo aparthotel Guilloteau)

Arquiteto
 Chorão Ramalho
Sítio
 Rua dos Murças, 42
Data
 1970



3
Habitação e Comércio do Bom Jesus

Arquiteto
 Chorão Ramalho
Sítio
 Rua do Bom Jesus
Data
 1961



4
Assembleia Legislativa Regional da Madeira

Arquiteto
 Chorão Ramalho
Sítio
 Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses
Data
 1982

Fotos: Pedro Sousa



5
Edifício Sede da Empresa de Eletricidade da Madeira

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses
Data
1976



6
Edifício Chorão Ramalho (antiga Agência de Navegação João de Freitas Martins)

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses, 15
Data
1954



7
Edifício da Firma Blandy Brothers

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Avenida Zarco, 2
Data
1951



8
Edifício Acciaiuolli

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Rua João Tavira, 27
Data
1957



9
Escritórios da Firma Henrique e Gouveia

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Largo do Chafariz, 9
Data
1946



10
Panificadora Milpan

Arquiteto
Chorão Ramalho
Sítio
Caminho do Engenho Velho
Data
1962



11

Conjunto Habitacional da Carne Azeda

Arquiteto

Chorão Ramalho

Leonel Clérigo

Sítio

Rua da Carne Azeda

Data

1972



12

Igreja do Imaculado Coração de Maria

Arquiteto

Chorão Ramalho

Sítio

Rua da Levada de Santa Luzia, 11

Data

1957



13

Capela-Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias

Arquiteto

Chorão Ramalho

Sítio

Caminho de São Martinho

Data

1950



14

Hotel Quinta Magnólia (antigo Hotel Quinta do Sol)

Arquiteto

Chorão Ramalho

Sítio

Rua Dr. Pita, 6

Data

1965



15

Lar da Bela Vista

Arquiteto

Chorão Ramalho

Sítio

Rua do Lazareto

Data

1962



15

Casa Bianchi

Arquiteto

Chorão Ramalho

Sítio

Estrada Monumental

Data

1959

CULTIVANDO PATRIMÓNIO

POIO, CURRAL E BANCAL COMO PAISAGEM CULTURAL DA MACARONÉSIA

“A primeira e primordial arquitetura
é a geografia”

Paulo Mendes da Rocha

Por LILIANA FERREIRA | ARQUITETA

Fotos LILIANA FERREIRA | PEDRO MENEZES | LIFE.DUNAS | DIOGO WINEMAKER | LEICA VIEW

I. Resumo

O artigo propõe uma leitura arquitetónica e territorial da paisagem em socalco da Macaronésia¹ – Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde – com foco nas suas manifestações geométricas e construtivas. O *poio*², o curral³ e o bancal⁴ são estruturas esculpidas no território, que articulam infraestruturas hídricas, lógicas topográficas, sabedoria ambiental e conhecimento ancestral. Ao integrar estes sistemas no debate sobre a arquitetura, propomos reenquadrar a prática agrícola insular como cultura espacial resiliente, portadora de valor técnico, ecológico e simbólico. **São verdadeiras paisagens culturais, expressão do engenho humano em diálogo profundo com o território.**

Este artigo é fundamentado em observações de campo⁵, análise de imagens de satélite e fotografia. Estes métodos permitiram identificar padrões geométricos e variantes construtivas entre ilhas.

Palavras-chave: Arquitetura; Ilhas Atlânticas; Paisagem; Património; Socalco.

1 Macaronésia, de etimologia grega “makáron nêsoi”, que significa “ilhas afortunadas” ou “ilhas da felicidade”, foi o termo utilizado pelo geólogo e botânico inglês Philip Barker Webb para se referir ao espaço biogeográfico que compreende um conjunto de arquipélagos localizados no oceano Atlântico. Este conjunto inclui os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Disponível em: <https://ifcn.madeira.gov.pt/pt/30-biodiversidade/158-a-macaronesia.html> [consultado: 23 -04- 2025].

2 Nome local dado aos Socalcos na ilha da Madeira.

3 Nome local dado aos Socalcos nos Açores.

4 Nome local dado aos Socalcos nas Canárias.

5 Trabalho de campo no âmbito da investigação de doutoramento sobre os poios na ilha da Madeira, financiada através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto: (2020. 05848.BD).

“A Madeira é terra heroica, onde a obra do homem representa uma epopeia de esforço, de trabalho, de sacrifício e abnegação. As fazendas escalonam-se milagrosamente pelas vertentes das serras inacessíveis, alcandoradas em pequenos terraplenos ou socalcos, suportados por muros de pedra seca e vulcânica, numa realização exaustiva e arrojada de engenharia intuitiva e popular”

Edmundo Tavares, 1948

II. A Paisagem Cultural como Arquitetura

Entre a orografia diversificada das ilhas e a irregularidade dos ventos alísios⁶, os socalcos da Macaronésia revelam-se como arquiteturas ecológicas. Esculpidas ao longo de séculos, estas formas de ocupação do espaço demonstram o engenho construtivo e uma profunda relação entre cultura, clima e topografia. De facto, a paisagem rural é “uma representação da relação que a humanidade estabeleceu com os sistemas ecológicos” — um vínculo físico e emocional entre espaço e identidade (Carapinha, 2018).

Segundo Sauer (1925), os territórios agrícolas são sobreposições intencionais à paisagem natural, assumindo-se como paisagens culturais. No contexto insular, tal gesto toma forma com os socalcos, que operam como unidades de organização territorial. Para Araújo (2022), a estrutura das paisagens humanizadas corresponde à forma como os elementos naturais e antrópicos se organizam e se inter-relacionam num todo coerente. Por outro lado, são “... paisagens biologicamente equilibradas, ecologicamente estáveis, socialmente vividas e belas” (Telles, 1992).

Estas paisagens, para além da sua funcionalidade ecológica e agrícola, devem também ser reconhecidas como património cultural material e imaterial, representando séculos de adaptação sobre o território.

III. Da Geometria a Construção

A construção de socalcos nestas ilhas não obedece a um modelo único. Cada ilha, cada encosta, revela adaptações específicas às condições microclimáticas, à topografia e aos recursos locais. Este saber construtivo alia técnica ancestral à sensibilidade ecológica, revelando uma forma de projetar o território com base na interação entre água, solo e vegetação.

⁶ São deslocamentos de massas de ar quente e húmido que se realizam de forma concêntrica em direção às áreas de baixa pressão atmosférica da zona equatorial do globo terrestre.
Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/ventos-alisios/> [consultado:18 -04- 2025].



Localização dos arquipélagos da Macaronésia

Madeira: O Poio como Topografia Habitada

Para Vieira (2017) A paisagem é anterior à presença do Homem, mas quase sempre a imagem que se retém é a da paisagem humanizada. A paisagem é assim entendida como resultado da ação humana, materializada na expressão dos poios, levadas, casas de habitação. O autor observa que as limitações impostas pela geografia obrigaram os madeirenses a desenvolver métodos de sobrevivência, o que levou à expansão das áreas irrigadas por meio de notáveis construções das levadas ⁷(Vieira A. , 2015). Os poios são um testemunho dessa relação entre saber empírico e necessidade de adaptação. Acompanhando as curvas de nível, estas plataformas são sustentadas por muros de pedra seca, construídos com precisão: as fundações são escavadas com precisão, as pedras são empilhadas cuidadosamente, e o sistema estrutural inclui o tardoz e o forro — elementos essenciais para garantir a drenagem e a estabilidade. Para além da pedra, existem poios sustentados por vegetação como gramínea de raízes densas que atua como bioengenharia natural e assume um papel estruturante na contenção do solo.

Contrastando com a morfologia acidentada da Madeira, o Porto Santo apresenta uma geografia mais suave e um clima árido, onde os tradicionais “muros de croché” — designação local dos muros de pedra seca — surgem como resposta à fragilidade do solo arenoso e à exposição aos ventos (Melim, 2023). Estas estruturas, cuidadosamente empilhadas com pedras de diferentes tamanhos, incorporam espaços vazios que permitem a passagem controlada do ar, retendo a areia e mitigando os efeitos da maresia, criando microclimas favoráveis à produção agrícola. A par dos muros, encontramos pequenos poios e diques localizados em linhas de água, demonstrando a adaptação da prática agrícola à escassez hídrica e à especificidades do território.

⁷ Na Madeira, levada é a designação dada a um canal de irrigação ou aqueduto, em alguns casos, ladeado por um caminho pedestre ou não.



Poio. Ilha da Madeira



© Liliana Ferreira



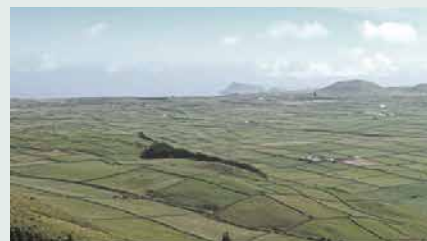
Muro Croché. Porto Santo



© LIFE.DUNAS



© Pedro Menezes



© Diogo Winemaker

Açores: Os Currais como Compartimentos Climáticos

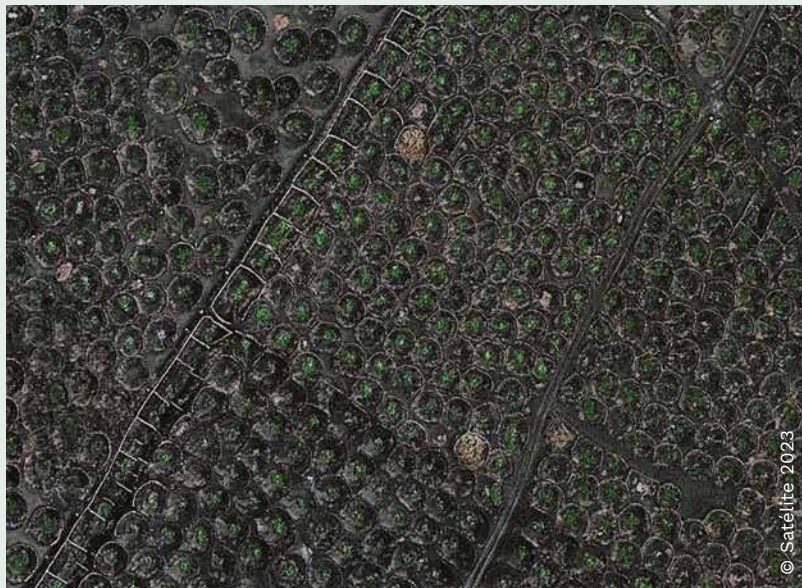
Nos Açores, os currais desenham uma paisagem compartimentada e estratégica, especialmente visível nas ilhas da Terceira, Pico e Santa Maria. Estruturados por muros de pedra seca, estes compartimentos delimitam culturas que florescem entre fendas basálticas, beneficiando de microclimas criados pela própria construção. Na Ilha Terceira, em zonas como os Biscoitos, os muros apresentam uma construção porosa e permeável, semelhante à técnica dos “muros croché” do Porto Santo, com pedras de diferentes tamanhos sobrepostas e interstícios que favorecem a circulação do ar e a retenção do calor. A tonalidade negra da pedra vulcânica acentua o efeito térmico, protegendo os cultivos dos ventos atlânticos e permitindo maturações equilibradas, mesmo em solos pobres e pedregosos. Esta afinidade técnica e cultural, partilhada entre ilhas de geografias distintas, expressa uma linguagem construtiva insular onde a adaptação ao meio é simultaneamente necessidade e projeto⁸.

Em vários locais da beira-mar, encostas extremamente declivosas foram transformadas em socalcos e estes divididos por muros de pedra solta em quartéis, onde se cultivava a vinha, aproveitando para esse fim boas condições naturais: terrenos pedregosos e boa exposição solar (Constância, 1982). Estas construções enfrentam a erosão e os ventos e também criam um microclima favorável ao cultivo da vinha, destacando-se pela sua organização, grandiosidade e precisão na construção. A prática de manter os muros baixos, para minimizar a sombra sobre as videiras, demonstra uma adaptação cuidadosa às necessidades específicas das plantas e às condições ambientais (Amorim, 2022).

⁸ Sobre o tema consultar a seguinte dissertação: Borges, P. M. (2007). O Desenho do Território e a Construção da Paisagem na Ilha de São Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas. Tese de Doutoramento. Coimbra. E ver o estudo de MEDEIROS, Carlos Alberto. “Contribuição para o estudo da vinha e do vinho dos Açores”. *Finisterra*. 2012, 29(58), 199–229. ISSN 0430-5027. Disponível em: doi:10.18055/fini1832. [consultado: 18-09-2024].



Bancales em Barranco Hondo. Canárias.



Lanzarote. Canárias.



© Leica View

Canárias: Bancales e Geometrias Invertidas

Nas ilhas Canárias, a adaptação às condições extremas do meio originou formas únicas de intervenção territorial, revelando uma inventividade geométrica moldada pela escassez hídrica, pela ação dos ventos alísios e pela geologia vulcânica. Em Lanzarote, a paisagem de La Geria revela uma das mais singulares expressões dessa adaptação: vastas depressões circulares, escavadas no picón — cinza vulcânica altamente porosa —, recolhem a humidade atmosférica e protegem-se com muros semicirculares em pedra seca, criando verdadeiros microclimas produtivos (Morales, Ojeda, & Torres, 2015). Esta geometria inversa, de base côncava e configuração centrípeta, é uma resposta engenhosa a um território de extrema aridez, onde a circularidade não é mero artifício estético, mas sim uma forma de sobrevivência agrícola.

Em contraste e complementaridade, no Barranco Hondo de Gran Canária, a paisagem cultural é marcada por uma relação simbiótica entre habitação e agricultura. Ali, asgrutas escavadas na rocha convivem com “bancales”, compondo uma matriz onde o viver e o cultivar se entrelaçam de forma orgânica. Os socalcos descem pelas vertentes escarpadas, encaixando-se nos leitos das ravinas e utilizando materiais locais como o picón basáltico, que absorve a humidade dos ventos carregados pela bruma atlântica — uma “chuva horizontal” que se infiltra lentamente nas camadas porosas e reaparece nas nascentes, garantindo água durante

os meses mais secos. Este sistema revela um sofisticado conhecimento etnogeográfico, onde cada elemento — caverna, socalco, nascente — participa de uma rede funcional resiliente (Rodríguez & Afonso, 2020).

A geometria aqui não é apenas forma: é expressão da inteligência do território. Em Lanzarote, a terra cava-se para proteger a vinha; em Gran Canária, escava-se para habitar e captar água. Em ambos os casos, a adaptação materializa-se numa estética funcional, onde cada gesto construtivo responde diretamente ao clima, à orografia e à escassez. Essas soluções demonstram que, nas ilhas da Macaronésia, a paisagem é antes de tudo uma construção cultural, onde formas ancestrais de organização espacial revelam uma profunda simbiose entre homem e natureza.



Santo Antão. Cabo Verde.

Cabo Verde: Infraestruturas de Retenção

Em Cabo Verde, a escassez de água é um desafio estrutural que afeta diretamente a agricultura — atividade que ocupa 9,6% do território e sustenta o meio rural. Nas ilhas com relevo montanhoso e climas contrastantes, comunidades locais desenvolveram socalcos como resposta adaptativa à escassez hídrica e à erosão do solo, como na ilha de Santo Antão.

Estes socalcos, construídos junto às linhas de água, são estreitos, reforçados por pequenos diques e funcionam como microbacias de retenção, distribuindo a água por gravidade e representam uma forma ancestral de infraestrutura ecológica, essencial para o cultivo em encostas em zonas áridas.

Para além de facilitar a agricultura, os socalcos combatem a desertificação, evitando o arrastamento de solo fértil durante chuvas intensas. Como observa Martins & Rebelo (2009), esta arquitetura vernacular alia sensibilidade ecológica e inteligência construtiva, demonstrando que a montanha pode ser habitada com engenho e respeito pelo território.

Cartografar para Preservar

A valorização destas paisagens como património cultural e técnico passa, antes de mais, pelo seu reconhecimento e documentação. Mapear, desenhar, fotografar e comparar estas estruturas entre ilhas permite construir uma base de conhecimento que revele os seus valores intrínsecos. A perceção do território a partir do plano aéreo — como evidenciado pelas imagens de satélite apresentadas — revela geometrias que permanecem ocultas ao nível do solo, salientando o traçado rigoroso dos socalcos, a sua escala e a sua inserção na topografia insular. Esta visão amplia a leitura do território e destaca a capacidade construtiva destas estruturas.

Esse é o objetivo da investigação, centrada nos poios da Madeira, mas alargada a um olhar comparativo sobre toda a Macaronésia. O mapeamento destas arquiteturas permite não só compreender as suas especificidades, como propor estratégias para a sua preservação e reintegração em modelos de desenvolvimento sustentável, bem como reconhecer a sua lógica formal e propor a sua reintegração em políticas de ordenamento, educação territorial e turismo sustentável. Valorizar o património agrícola insular é uma forma de resistir à homogeneização global e afirmar uma identidade enraizada nos lugares. Trata-se de reconhecer o valor patrimonial destas paisagens culturais, cuja permanência é vital para a transmissão de saberes, memória coletiva e continuidade das práticas tradicionais.

V. Conclusão

Paisagem como Projeto

Pensar o território insular hoje é reconhecer que a paisagem agrícola da Macaronésia não é um vestígio do passado, mas uma realidade viva, capaz de informar políticas de ordenamento, práticas pedagógicas, turismo sustentável e modelos agrícolas resilientes. Estas paisagens, moldadas por práticas vernaculares e transmitidas oralmente, constituem verdadeiras **infraestruturas culturais** — arquiteturas de identidade que regulam a água, conservam o solo e adaptam-se ao clima

Contudo, como alerta (Matín, 2014), muitas dessas paisagens enfrentam o abandono, ameaçadas pelas pressões urbanas, alterações climáticas e a erosão da agricultura familiar. Ainda assim, o seu valor permanece imenso: são sistemas técnicos e ecológicos, testemunhos vivos de sustentabilidade e equilíbrio entre homem e natureza.

O seu reconhecimento enquanto património cultural é essencial para garantir a sua continuidade e salvaguarda, não apenas como prática agrícola, mas como expressão identitária e memória coletiva das comunidades insulares.

Neste contexto, integrar estas formas de cultivo no debate arquitetónico e territorial permite expandir a noção de projeto. O poio, o curral, o bancal não são apenas objetos de estudo, mas pontos de partida para uma **arquitetura sustentável**. Em tempos de transição ecológica, essas paisagens oferecem modelos de baixo impacto e alta resiliência, onde forma e função entrelaçam-se de forma virtuosa.

Preservá-las é cultivar uma cultura do lugar, reafirmando a arquitetura como gesto ecológico, territorial e cultural.

LAZARETO

A MEMÓRIA DE UM LUGAR

Por **EMANUEL GASPAS**, HISTORIADOR

A toponímia da rua do Lazareto deve-se aos edifícios do Lazareto que se situam no vale da foz da ribeira de Gonçalo Aires (este foi companheiro de Zarco, sendo o primeiro a saltar para terra, nesta ribeira, e o primeiro a ter filhos nesta ilha, daí o nome dos seus descendentes, Adão e Eva).

Nesta localidade, outrora situada nos arrabaldes da cidade, longe das populações, situava-se um hospital de isolamento para os viajantes doentes que vinham de navio e que por alguma razão se encontravam doentes, podendo a efemeridade ser contagiosa, daí serem obrigados a fazerem quarentena (40 dias) neste local antes de se deslocarem para o centro da cidade do Funchal.

Por essa razão o sítio possui cais próprio para embarque e desembarque de doentes e o antigo caminho, que do centro da cidade para leste lá ia dar, obteve o nome desse hospital para doentes in-

feciosos. O próprio nome Lazareto é uma referência a S. Lázaro, que, como refere a hagiologia do santo, faleceu com uma doença infecciosa mas que depois Jesus Cristo ressuscitou-o.

Os edifícios do Lazareto foram mandados construir pelo diligente governador da Madeira, José Silvestre Ribeiro, em 1851, sendo os actuais edifícios já obra das ampliações datadas de 1866 e concluídas em 1874.

Este hospital de campanha teve uma grande importância no tratamento e isolamento de doentes a quando da grave epidemia da cólera ocorrida na Madeira em 1910/11, tendo inclusivamente ajudado no tratamento dos enfermos, como enfermeira, a célebre freira inglesa Madre Mary Jane Wilson, que mais tarde veio a ser agraciada pela autoridades locais em virtude do seu abnegado sentido altruísta. Mas antes disso este lazareto teve uma importân-



"Em 1968 o arquitecto Chorão Ramalho chega a projectar um arrojado hotel para o local, denominado Conjunto Turístico do Forte Velho."

cia primordial no tratamento de pessoas atacadas pela peste bubónica, em 1905, e de doentes variolosos, em 1907. O estabelecimento serviu ainda de prisão política aos deportados revoltosos monárquicos continentais, em 1919, que pretendiam derrubar a república, recentemente implantada. No Estado Novo serviu também de prisão política aos opositores, locais e continentais, do regime opressivo ditatorial.

Os edifícios do Lazareto, serviram de residência aos refugiados ingleses gibraltinos, durante o período da segunda Guerra Mundial (1939-45), depois chegou aqui a funcionar um estabelecimento para idosos, o Asilo do Funchal, Lar Dr. João Abel de Freitas. Em 1968 o arquitecto Chorão Ramalho chega a projectar um arrojado hotel para o local, denominado Conjunto Turístico do Forte Velho, por estar nas imediações das ruínas do Forte dos Louros. Ali seria concretizado um ambicioso programa, criando uma nova zona balnear para a cidade, de usufruto dos hóspedes de da própria população do Funchal, que incluía piscinas, uma das quais olímpica, cais de recreio, bares, restaurantes, campos de ténis, campos de Squash e de Badmington, galerias comerciais de artesanato, etc. O projecto não chegou a concretizar-se em virtude da instabilidade política e económica causada pela Revolução do 25 de Abril. Mais recentemente, aqui foi instalado o estabelecimento do Polivalente do Funchal, Vila Mar, para protecção e educação de crianças e jovens.

Os imóveis, construídos em alvenaria de pedra basáltica rebocada, apresentam fachadas sóbrias, com simples molduras em cantaria rija regional nas aberturas, possuindo as janelas os tradicionais tapas-sóis, com vidraças de guilhotina, e são cobertos por telhados de quatro águas em telha de meia-cana.

Actualmente os edifícios estão devolutos e necessitam urgentemente de serem ocupados e reabilitados, sob pena de se perder um testemunho importante da nossa memória histórica, cultural e patrimonial.



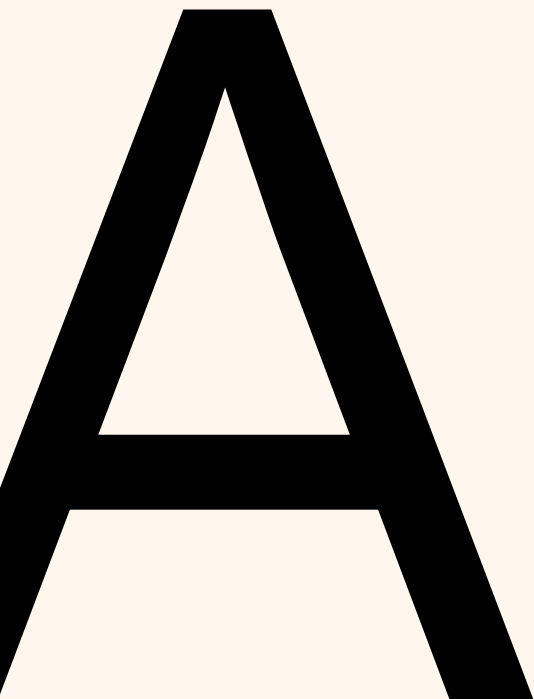
ROBERTO JOSÉ

SERVIÇO DE ASSESSORIA DA SRMAD

Desde 2022 que acompanha o processo evolutivo e de transformação da Ordem com a formação das Secções Regionais

Por **REDAÇÃO**
Foto **OASRMAD**

É o primeiro funcionário a ser contratado pela SRMAD, tem como incumbência o apoio aos membros, às estruturas diretivas da OA nos diversos pelouros, na formulação de esclarecimentos no apoio aos membros, na representação de órgãos ou serviços e no apoio ao funcionamento da SRMAD. Perante este aglomerado de funções o tempo é suficiente? “Cada vez mais valorizo o tempo, as solicitações simultâneas causam a sua escassez, é um mal sofrido pelas secções pequenas com a falta de recursos humanos e financeiros. O equilíbrio só pode ser atingido com um incremento em ambos, até lá dou graças a Deus pelo apoio dos serviços partilhados e aos colegas do Conselho Diretivo Nacional e das Secções Regionais.” Na sua opinião quais são os maiores desafios da Ordem na prática profissional? “Sou constantemente contactado por ateliers a solicitar arquitectos para trabalhar e não há! A classe profissional está em grande crescimento a ultrapassar a barreira dos 30.000 inscritos, em que 50% com idade inferior a 40 anos e estão fora do Território. O País exporta arquitectos! Este fenómeno acontece pelo reconhecimento internacional dos arquitectos portugueses e por razões económicas onde os profissionais passam a auferir lá fora 3 a 4 vezes mais. Os que resistem em ficar, estão a migrar do sector privado para o público. Para remediar as lacunas de oferta, os ateliers estão recorrendo a colaborações e a serviços de outsourcing online. Outro facto que tenho constatado é a profunda consternação dos arquitectos no exercício da prática profissional com as questões: da responsabilidade profissional, da responsabilidade civil, da prestação de serviços e dos direitos de autor. A grande causa é a interpretação da infindável de legislação sobre a elaboração de projetos, onde imperam dúvidas nos mais recentes regimes jurídicos que disciplinam as diversas vertentes da atividade urbanística. Para agravar começa a surgir as famosas plataformas eletrónicas de submissão de processos administrativos e urbanísticos que variam consoante o município. Atrevo mesmo em afirmar que surgiu uma nova especialidade na classe profissional: o arquitecto instrutor de processos.”



ARQUITETURA DA MEMÓRIA, PALCO DO FUTURO

O CCIF E A REQUALIFICAÇÃO URBANA DO FUNCHAL

Por **JOSÉ FREDDY FERREIRA CÉSAR**, ARQUITETO
Fotos **MATILDE FERREIRA CÉSAR**, FOTÓGRAFA

O antigo Matadouro Municipal do Funchal, situado junto à ribeira de João Gomes, marcou a cidade por décadas. Inaugurado em 1940, projetado por António Couto Martins e Miguel Simões Jacobetty Rosa, este abasteceu crucialmente a região. Após anos de uso, o espaço industrial renasceu como Centro Cultural e de Investigação do Funchal (CCIF), transformando-se num novo polo de cultura, investigação e inovação.

A reabilitação, promovida pela Câmara Municipal, preservou a estrutura existente, integrando elementos contemporâneos. As fachadas, vãos e carris do antigo matadouro foram restaurados, criando uma ligação harmoniosa entre o passado industrial e o futuro cultural do espaço.

Nas suas novas funções como CCIF, o antigo matadouro une a memória histórica ao pulsar moderno do Funchal. O processo de transformação incluiu a adaptação de espaços interiores para

acolher atividades culturais diversificadas. Anteriormente dedicados ao processamento de carne, os amplos espaços foram convertidos em galerias de arte, salas de concertos e áreas para workshops e palestras. Esse reaproveitamento não só preserva a arquitetura original, mas também oferece uma nova vida ao edifício, permitindo aos visitantes uma experiência imersiva que atravessa o tempo.

A inauguração oficial do CCIF ocorreu em setembro de 2023, e desde então o centro tem sido um fervilhante núcleo de atividade cultural e educativa. O novo volume em betão e vidro adicionado ao conjunto proporciona um contraste visual que enfatiza a transformação do espaço, ao mesmo tempo que oferece um ambiente adequado para eventos contemporâneos. Esta simbiose entre o industrial e o moderno é um testemunho da capacidade de adaptação e reinvenção do património funchalense.

No seu primeiro ano, o centro acolheu cerca de 14 mil visitantes, demonstrando a sua vitalidade. A programação diversificada incluiu concertos de música clássica e contemporânea, sessões de cine-



"Os benefícios da reabilitação do antigo matadouro para o CCIF vão além do aspecto cultural. A revitalização do espaço também contribui para a valorização urbana e turística do Funchal."

ma, peças de teatro, palestras e exposições de arte. Esse fluxo constante de visitantes destaca o sucesso do CCIF como um espaço inclusivo e acolhedor.

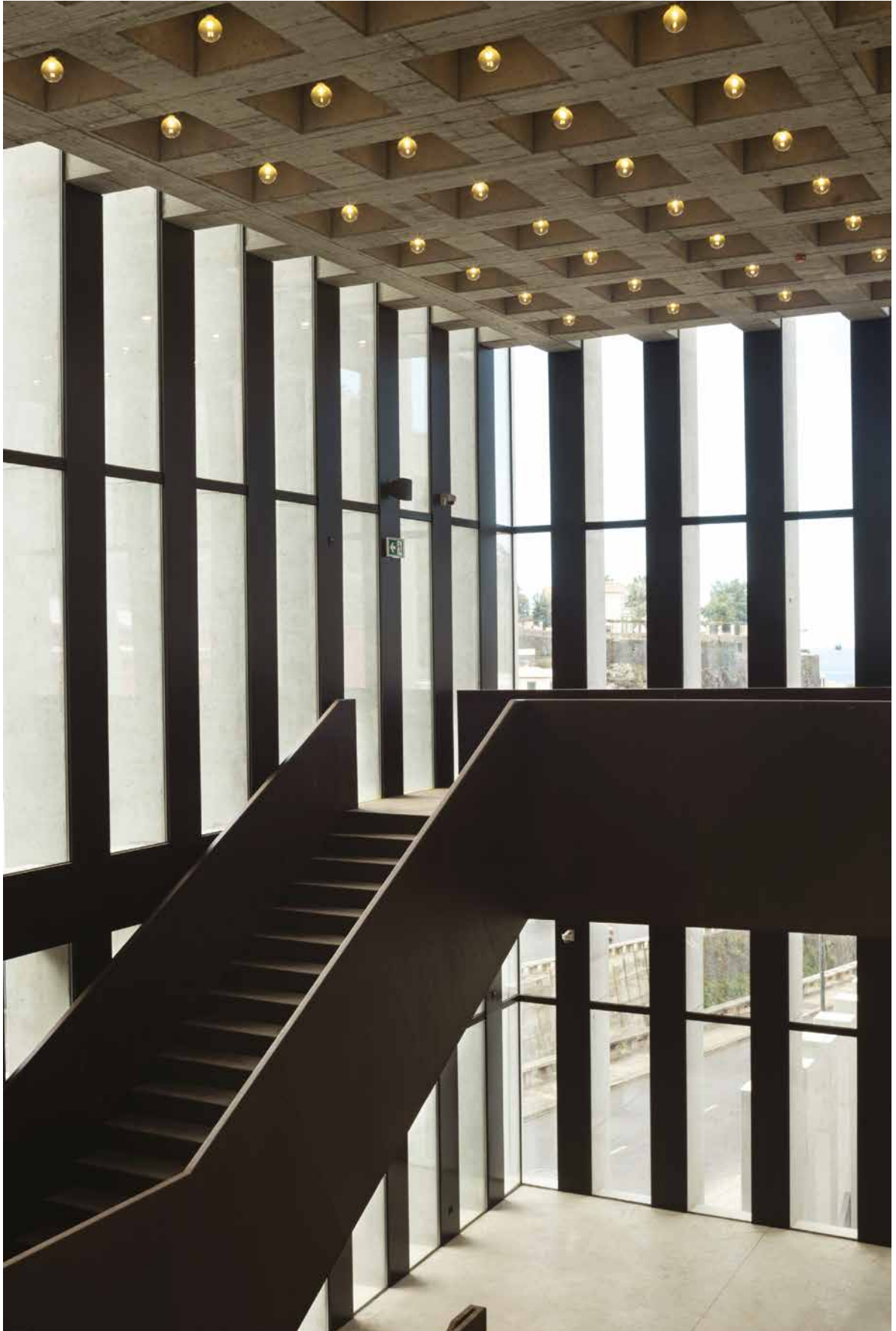
O CCIF também se tornou um ponto de encontro comunitário, estimulando a colaboração entre artistas, investigadores e o público. A interação e troca de ideias neste espaço promovem o desenvolvimento social e económico da região. Workshops e seminários são frequentemente organizados no centro, proporcionando um ambiente de aprendizagem contínua e inovação. Este papel educativo é essencial, pois ajuda a formar novas gerações de pensadores criativos e críticos.

Os benefícios da reabilitação do antigo matadouro para o CCIF vão além do aspecto cultural. A revitalização do espaço também contribui para a valorização urbana e turística do Funchal. O centro é agora uma atração imperdível para turistas e residentes, oferecendo uma programação diversificada que atrai diferentes públicos. A presença de um centro cultural tão ativo impulsiona a economia local, através de atividades que geram receitas e empregos.

O CCIF destaca-se como um exemplo de sucesso na preservação e transformação de edifícios históricos. A cuidadosa integração de elementos modernos respeita o passado enquanto projeta o espaço para um futuro sustentável. Este equilíbrio é fundamental para garantir que o património cultural do Funchal continue a ser valorizado e transmitido às próximas gerações.

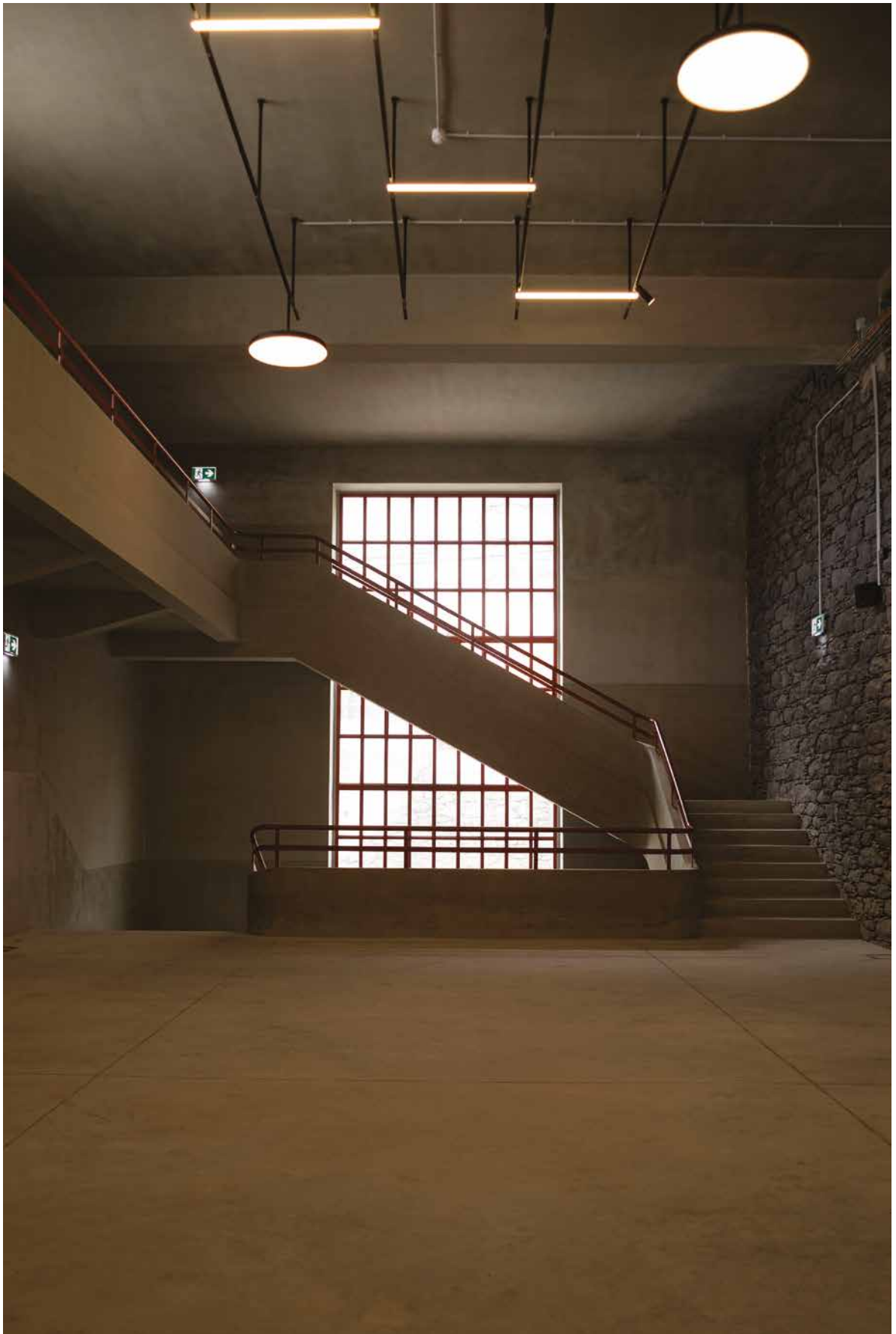
Em suma, o Centro Cultural e de Investigação do Funchal (CCIF) não é apenas um local de eventos; é um símbolo da capacidade da cidade de se reinventar e transformar os espaços urbanos. Com uma rica programação e um ambiente que celebra a história e a modernidade, o CCIF é um ponto de inovação e cultura no Funchal. Este renascimento do antigo matadouro municipal é uma prova de que com visão e esforço coletivo, é possível revitalizar patrimónios históricos e adaptar o património às necessidades contemporâneas, impulsionando um futuro vibrante para a cidade.







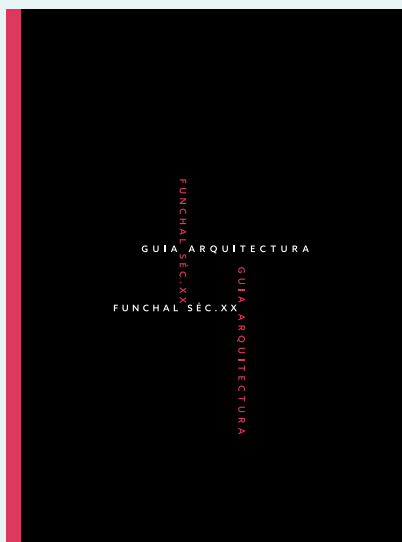












GUIA DE ARQUITECTURA DO FUNCHAL, SÉCULO XX

Autor: Rui Campos Matos
Maria Daniela Alcântara
Edição: Ordem dos Arquitectos
SRMAD 2022
Design Editorial: Fepdesign

Neste guia são mostradas as obras arquitetónicas mais emblemáticas da cidade do Funchal e do arquipélago e datadas do século XIX, como é o caso do Teatro Municipal Baltazar Dias, do Hospício Princesa Dona Maria Amélia, da Quinta das Angústias (atual Quinta Vigia), do Jardim Municipal e da Ponte Monumental, entre outros. No total são apresentadas 15 obras, na sua maioria projetadas por arquitetos ingleses, numa época em que a burguesa cidade do Funchal teve necessidade de desenvolver estes importantes equipamentos adequados ao Modus Vivendi oitocentista.



GUIA DE ARQUITECTURA DO FUNCHAL, SÉCULO XIX

Autor: Rui Campos Matos
Maria Daniela Alcântara
Edição: Ordem dos Arquitectos
SRMAD 2020
Design Editorial: Fepdesign

A obra que pretende, através da seleção de 15 obras notáveis, suprir uma falta gritante no domínio da divulgação do património arquitetónico e urbanístico do Funchal, cidade que, no decurso do século XX, se viu enriquecida por um conjunto de edifícios e operações urbanísticas de assinalável qualidade. Neste Guia de Arquitectura do Funchal, século XX poderão encontrar a informação básica sobre cada obra: localização, autoria, datas de projeto, datas de construção e um pequeno texto crítico onde ela é contextualizada.



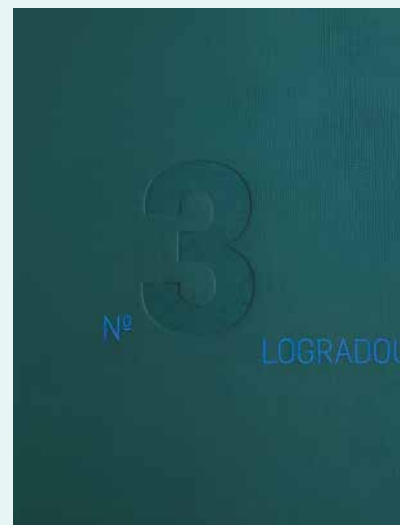
ILHA DA MADEIRA CIDADE E ARQUITECTURA

Autor: Rui Campos Matos

Design: Maria Daniela Alcântara
Margarida Baldaia

Edição: Húmus e Autor, 2023

A coletânea de crónicas reunidas nesta edição vieram a público entre os anos de 2015 e 2023 e foram publicadas no Diário de Notícias da Madeira. Para além da arquitectura, os temas abordados relacionam-se com a paisagem e as cidades do arquipélago, quer queiramos quer não, todos temos uma palavra a dizer. Trata-se, com efeito, da nossa casa comum: dos lugares onde habitamos, trabalhamos, circulamos ou passeamos no nosso dia a dia. Assuntos que a todos interessam porque a todos dizem respeito.



LOGRADOURO N.º 3

Autor: João Favila Menezes

Filipa Cardoso de Menezes
Catarina Assis Pacheco

Edição: BU!, 2021

Publicado com a chancela da @BU!, o livro é o resultado de um trabalho que teve origem num projecto para uma moradia unifamiliar, que lhe foi solicitado por um casal com dois filhos pequenos, que vivia em Campolide, e desejava fazer a sua casa numa parcela de terreno da tranquila Travessa de São Caetano, junto à Rua Silva Carvalho. Como é evidenciado por Marta Sequeira no prefácio desta obra, “o único espaço verde de todo o quarteirão onde se insere (...). O jardim é, afinal, impregnado de uma vegetação luxuriante, originando um pequeno microcosmo insular. Assume-se como uma espécie de formalização de uma paisagem primordial, de um paraíso perdido.



